

OP PATIO

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA | DIRETORA: Dina Trigo de Mira | Maputo - Moçambique



“Aprecio muito os professores portugueses”

Júlio Pedrosa,
Antigo Ministro da Educação de Portugal



**“Cientistas” da EPM-CELP
premiados em Portugal**



ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

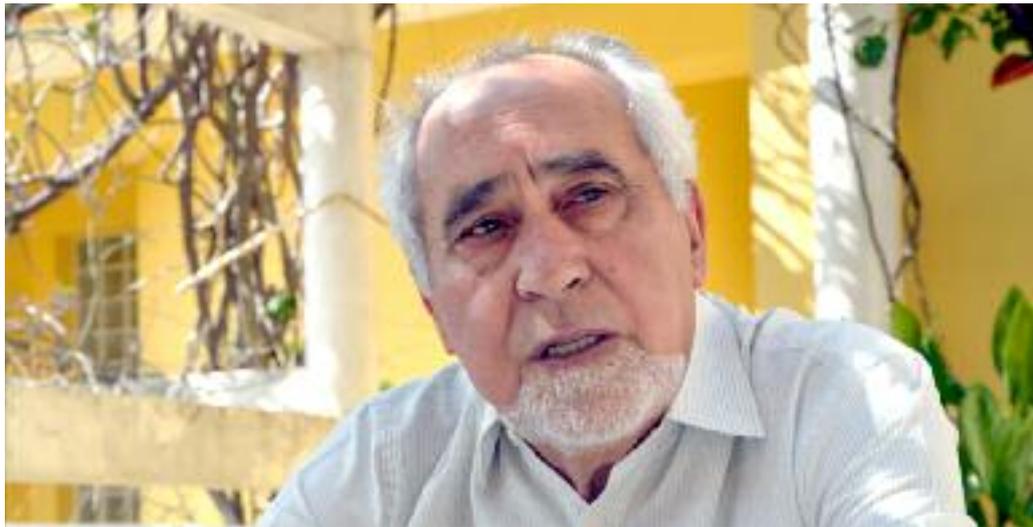


A EPM-CELP e todos os
participantes da
MSEERCLAS
24 a 30 de junho 2017

**AGRADECEM O
APOIO DOS
PATROCINADORES**



- 2 - EDITORIAL** | Faróis da excelência
- 3 - CORTESIA** | Ministro que inaugurou a EPM-CELP em 2001 confirmou escola de excelência
- 4 - INFRAESTRUTURAS** | Ampliação e requalificação melhoram espaços desportivos da EPM-CELP
- 5 - APRENDER** | A paixão pela língua portuguesa
- 6 - LUSOFONIA** | No encaço da cultura da CPLP
- 7 - ENTREVISTA** | Tenham orgulho em ser quem são
- 12 - DESTAQUE** | Os nossos cientistas
- 14 - REPORTAGEM** | Ensino pré-escolar: quando a vontade vence
- 16 - COOPERAÇÃO** | Inauguradas três bibliotecas escolares com envolvimento do projeto «Mabuko Ya Hina»
- 18 - PUBLICAÇÕES** | “Passos de Magia ao Sol” encanta crianças. Edições EPM-CELP lançaram sementes em Lisboa e Coimbra
- 20 - ARTE E SABER** | Sarau das Línguas: “escola e arte em movimento”.
- 22 - MÚSICA** | Afiinação alta na 14.ª edição da Masterclass da EPM-CELP
- 24 - LEITURA** | “Ler p’ras(z)er Herói” desafiou criatividade na Semana da Leitura 2017
- 26 - EFEMÉRIDES** | “A liberdade libertou-se” no 25 de Abril. Dia de África assinalado com debate sobre “O menino de todas as cores”
- 28 - PERSONAGENS** | “Aconselho os alunos a prepararem-se para o mundo real”
- 30 - CIÊNCIA** | Inventar brinquedos é aprender ciência. Laboratório de física servido à mesa
- 32 - ARTES** | Teatro “Do amor à cor” mostrou a força do poder e desigualdade. Filme “Le Ballon Rouge” alertou para o respeito pela diferença
- 34 - CIDADANIA** | Alunos submeteram medidas à “ONU”. Aprender a dar na Escolinha Solidária
- 36 - PALESTRAS** | O mundo cabe dentro da Escola. As artes que moram em Maputo
- 38 - VIDA ESTUDANTIL** | Promover encontro de culturas anima alunos eleitos para a AE
- 39 - COOPERAÇÃO** | Escolas moçambicanas adotaram o projeto “Gubuta Thinsuna” - Evita a Malária, da EPM-CELP
- 40 - CULTURA FÍSICA** | A Carta do Meu Pai e a 1.ª Gala do Desporto Escolar
- 42 - MÚSICA** | O segredo de unir as notas soltas
- 43 - PSICOLOGANDO** | Era uma vez um menino mau...
- 44 - CRÓNICA** | “Incluí(-)te?!”



7 | Entrevista | Tenham orgulho em ser quem são

O antigo ministro da Educação de Portugal, Júlio Pedrosa, que inaugurou a Escola Portuguesa de Moçambique em 2001, confirmou a excelência do atual projeto educativo da instituição.



12 | Distinguidos dois projetos da EPM-CELP em concursos científicos realizados em Portugal.

Mandioca e casca de ovo e de cebola roxa foram as matérias-primas utilizadas pelos alunos para conceberem e desenvolverem projetos na área da química que conquistaram prémios em certames científicos escolares em Portugal.

20 | Sarau das Línguas 2017 arrebatou a admiração do público

Num ambiente intimista e bem disposto, os alunos foram atores de um espetáculo idealizado e argumentado por eles próprios, garantindo sorrisos contagiantes.

22 | Afiinação alta na 14.ª edição da Masterclass de Música

A introdução do coro foi a maior novidade de 2017

É no binómio legislativo português e moçambicano que tomamos decisões e perspetivamos o futuro. E este aponta para a permanente afirmação da qualidade da EPM-CELP no contexto moçambicano.

Faróis da excelência

Concluimos mais um ano letivo pleno de eventos, emoções e concretizações.

Dar oportunidade aos nossos alunos para exprimirem em palco toda a sua criatividade, talento artístico e espírito científico, como foi, por exemplo, no Sarau das Línguas, no espetáculo da Masterclass e na exibição dos brinquedos científicos é motivo de orgulho e satisfação para todos os profissionais que, dia-a-dia, trabalham para a concretização de sonhos para a qual a EPM-CELP oferece campo fértil.

A EPM-CELP está viva, é um nicho de talentos. O reconhecimento obtido ao longo deste ano letivo na competição nacional do SuperTmatik e nas mostras nacionais científicas da Fundação da Juventude e da Fundação Ilídio Pinho, onde alcançamos lugares de topo, são indicadores de que estamos no bom caminho. Por outro lado, a afirmação dos projetos da EPM-CELP ao nível da cooperação com entidades e instituições moçambicanas, como sejam o projeto “Mabuko Ya Hina”, que irá alargar o âmbito da sua atuação às comunidades do Parque Nacional da Gorongosa, o projeto “Mãos na Ciência”, que interage com escolas moçambicanas e internacionais, as publicações literárias, recentemente representadas nas feiras do livro de Maputo, Lisboa e Coimbra, e as constantes interações com o Instituto Camões na promoção da língua portuguesa são, também, bons sinais do cumprimento da nossa missão institucional e diplomática na defesa e promoção da língua e cultura portuguesas. A EPM-CELP afirma-se como polo de desenvolvimento da educação em Moçambique.

Procuramos a excelência, que se atinge se continuarmos a melhorar e racionalizar processos, recursos humanos e ma-

teriais. O forte investimento no melhoramento dos processos administrativos e financeiros e na aquisição de modernas ferramentas de gestão potenciarão as nossas decisões estratégicas. O investimento considerável realizado nos recursos humanos também aumentará a qualidade do serviço prestado.

É no binómio legislativo português e moçambicano que tomamos decisões e perspetivamos o futuro. E este aponta para a permanente afirmação da qualidade da EPM-CELP no contexto moçambicano. Somos, por mérito próprio, um farol ao nível da inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, com um elevado investimento nos serviços adjacentes, como a Educação Especial, Serviço de Psicologia e Orientação, Terapia da Fala e Psicomotricidade e Educação Física. Somos, também, um farol na interação com as escolas públicas e comunitárias moçambicanas, dinamizando bibliotecas escolares, apetrechando física e materialmente escolas e, também, formando professores, sem esquecer a promoção de escritores e artistas plásticos moçambicanos.

Ao findar mais um ano temos consciência de que precisamos melhorar os nossos resultados académicos. Apesar de termos taxas de abandono escolar despiques, taxas de retenção muito abaixo da média nacional almejamos melhorar a nossa qualidade do sucesso. Neste contexto, no próximo ano letivo, priorizaremos a criação de horários maximizadores do tempo livre dos alunos, a promoção do trabalho cooperativo entre docentes e o desenvolvimento horizontal e vertical do currículo. Paulatinamente implementadas, cremos que o próximo ano letivo será o de afirmação e concretização daquelas medidas.

A EPM-CELP é uma instituição e uma marca de referência e de excelência no contexto moçambicano. A linha de rumo está traçada e os objetivos a alcançar são claros e estão plasmados no seu projeto educativo.

DIREÇÃO

O PÁTIO | Revista da EPM-CELP | Ano XIV - N.º 103 | Edição março a junho de 2017

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Ana Isabel Mendes | **Editores** Ana Albasini (Cooperação), Alexandra Melo (Psicologando), Catarina Cordeiro (Crónica) e Nuno Antunes (Educação Física) | **Editor Gráfico** Oficina Didática da EPM-CELP | **Colaboradores redatoriais nesta edição** Ana Albasini, Reinaldo Luís, Teresa Noronha, Sónia Pereira, Isabel Mota, João Paulo Videira, Margarida Fortuna e Armindo Bernardo | **Grafismo e Pré-Impressão** Diana Manhiça, António Faria Lopes e Fulgêncio Samo | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Graça Pinto | **Impressão e Produção** RM Consultores | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: patiodaslaranjeiras@epmcelp.edu.mz

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA
INAUGURADA NO DIA 24 DE NOVEMBRO DE 2001
POR SUA EXCELENCIA
O MINISTRO DA EDUCAÇÃO DE PORTUGAL
PROFESSOR DOUTOR
JULIO DOMINGOS PEDROSA DA LUZ DE JESUS

Júlio Pedrosa, acompanhado pela diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, junto à placa que assinala a inauguração da nossa Escola

Ministro que inaugurou a EPM-CELP em 2001 confirmou escola de excelência

O ministro da Educação de Portugal que, em 24 de novembro de 2001, inaugurou a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), revisitou as nossas instalações no passado dia 27 de abril. O antigo ministro e reitor da Universidade de Aveiro (Portugal), Júlio Pedrosa, foi recebido pela Direção da nossa Escola, com quem esteve reunido.

Júlio Pedrosa, distinguido em 2009 com a Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública, percorreu demoradamente todo o nosso espaço escolar, que classificou de “excepcional”, interagindo, aqui e ali, com alunos em plena atividade de aprendizagem. Destacou também o facto de o projeto educativo da EPM-CELP estar a dar continuidade aos objetivos que estiveram na sua génese, entre os quais “a ambição de fazer uma escola de excelência”, afirmou.

Ao visitar o espaço consagrado ao projeto “Mãos na Ciência”, em desenvolvimento na nossa Escola, não deixou passar em branco a aposta da EPM-CELP no en-

sino experimental das ciências, afirmando: “o que hoje vi deixa-me muito satisfeito e posso dizer que estão a fazer um serviço que devem continuar, consolidar, ampliar e dar a conhecer”. Júlio Pedrosa, que também foi presidente do Conselho Nacional de Educação (2005 a 2009), é licenciado em Ciências Físico-Químicas e em Química (ramo científico) pela Universidade de Coimbra, doutorado pela Universidade de Cardiff (Inglaterra) e, apesar de aposentado desde 2009, mantém a sua qualidade de investigador no Centro de Investigação em Materiais Cerâmicos e Compósitos, no âmbito do qual desenvolve investigação e estudos académicos.

No final da visita, Júlio Pedrosa, nascido há 72 anos em Cadima (Cantanhede, Portugal), endereçou uma mensagem à nossa comunidade escolar na qual exorta os seus membros a terem “muito orgulho em serem quem são, procurando ser melhor compreendidos para terem uma intervenção mais bem-sucedida”.

Obrigado professor Júlio Pedrosa.





Ampliação e requalificação melhoram espaços desportivos da EPM-CELP

As instalações desportivas da EPM-CELP ganharam nova roupagem com a requalificação de espaços, que ficaram disponíveis para utilização a partir de 20 de março último.

A requalificação dos espaços, a céu aberto, consistiu na construção de uma plataforma com pavimento de betão poroso, que acolhe campos de basquetebol, um de andebol e outro de futebol de salão, na definição de uma área de areia para um campo de voleibol praia e de badminton, para além do estabelecimento de acessos entre o pavê e espaços com relva.

As obras contemplaram também a melhoria do acesso à piscina, através da redução dos degraus das escadas e a colocação de um piso antiderrapante, garantindo, assim, a segurança dos alunos, sobretudo dos mais novos. O projeto prevê, igualmente, a instalação de um sistema de iluminação, para atividades no período pós-laboral, de balizas e de uma vedação pro-



tetora que impedirá a transposição das bolas para fora da área de jogo.

Melhorar o acesso dos alunos e dos professores aos espaços, bem como incrementar a polivalência das infraestruturas, foi o principal objetivo das obras de construção e reabilitação para responder aos desafios do atual crescimento da demografia escolar e da diversificação da prática do desporto escolar e das aulas de educação física.

Tal como referiu o coordenador do Departamento de Educação Física e Desporto

Escolar, João Lourenço, a ampliação e requalificação do complexo desportivo da escola é um contributo importante para a prática formal e informal da educação física e do desporto. Sublinhou, ainda, que a criação inovadora de um espaço destinado ao voleibol de praia estabelece as condições para uma experiência pertinente às características de Moçambique, onde o clima e as praias são propícios à prática desta modalidade desportiva com caráter formal ou livre e informal.

A paixão pela língua portuguesa

A última edição do curso de Português para Estrangeiros ministrado pela Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), entre 23 de janeiro e 5 de abril, envolveu o missionário colombiano de origem queniana Benjamin Avoga e os contabilistas sul-africanos Philipus Petrus Moos e Martin Gregory Bush. Foram 80 horas de atividade distribuídas por quatro dias da semana, à média de duas por dia.

“Aprender a falar uma língua não significa aprender apenas essa língua; aprende-se sobre a cultura desse país e a pensar de forma diferente”, sintetizou assim a sua experiência de aprendizagem Philipus Petrus Moos, no último dia do curso ao receber o respetivo certificado de participação. Benjamin Avoga, no mesmo sentido, foi peremptório na sua opinião: “aprender uma língua estrangeira abre-me a mente e ajuda-me a perceber a realidade que está à minha volta e os diferentes tipos de pessoas”.

Martin Gregory Bush, há oito anos a trabalhar em países onde se fala a língua portuguesa, reconhece, por seu turno, que é mais fácil aprender em português “quando se viaja para países onde se fala português, como Portugal, Moçambique e Brasil”, confessando sentir ainda alguma dificuldade nas “preposições e acentos”.

Os conhecimentos práticos, de que são exemplo as temáticas sobre os “países, as viagens, os restaurantes e todos os aspetos do dia-a-dia que usamos com frequência”, são, nas palavras de Benjamin Avoga e Philipus Petrus Moos, os temas mais entusiasmantes abordados durante o curso.



José Cardoso foi o professor da EPM-CELP que, pela primeira vez, lecionou um curso destinado a estudantes cuja língua materna não é o português, afirmando, a propósito, que “um dos principais desafios no ensino de uma língua estrangeira a adultos prende-se com a motivação dos mesmos para a aprendizagem e saber gerir as expectativas que os formandos têm para com o curso”. Nesta linha, venceu o interesse crescente demonstrado pelos alunos pela cultura e história de Portugal ao ponto de alguns até manifestarem vontade de “emigrar para o nosso país”, revelou José Cardoso, ilustrando a vontade manifestada

pelos formandos de quererem continuar a aprender a língua portuguesa até atingirem um nível mais avançado.

Do lado do professor e sobre a sua experiência pioneira, José Cardoso revela que “tratando-se de formandos com ‘sede’ de conhecimento e altamente estimulados, as aulas têm necessariamente de se tornar um desafio constante para o professor, sendo necessário alternar constantemente as metodologias e as rotinas de trabalho em sala de aula”, afirmou, confessando-se recompensado por “ter ajudado os formandos a melhorarem as suas competências linguísticas e a atingirem os seus objetivos finais”.

MOMENTOS EPM-CELP



No encaço da cultura da CPLP



A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foi palco, a 5 de maio, da celebração do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

Durante todo o dia os cerca de 1500 alunos de todos os níveis de ensino da EPM-CELP foram os principais intervenientes na festa da CPLP com a participação num grande peddy paper que os levou a conhecer, com mais detalhe e de forma informal, mas organizada, os aspetos mais relevantes da cultura de cada um dos nove países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Os alunos responderam aos desafios lançados em cada um dos espaços pelas diferentes disciplinas, os quais versaram “matérias que fazem parte do nosso currículo, da história, da geografia e da nossa língua”, elucidou Dina Trigo de Mira, diretora da EPM-CELP, que ainda salientou o facto de se estar a experimentar “uma forma lúdica de educar, formar e aprender”. Momentos musicais e desportivos, bem como outros dedicados ao cinema no Auditório Carlos Paredes ajudaram a preencher o dia dos alunos com atividades lúdico-formativas.

A iniciativa da EPM-CELP despertou o interesse e entusiasmo da diplomacia de

países da CPLP representados em Moçambique, pelo que estiveram presentes os respetivos diplomatas e funcionários, bem como grupos de música e dança que atuaram nos espetáculos de abertura dos programas matutino e vespertino. Também contribuíram para a animação e decoração dos respetivos espaços de exposição, exibindo artefactos de variada natureza cultural.

Teresa Pinto de Andrade, conselheira da Embaixada de Angola em Moçambique, frisou que “a importância de existirem países numa organização como a CPLP é muitíssimo grande numa altura em que nós, os falantes de língua portuguesa, temos estado a lutar para a sua inclusão no quadro das línguas internacionais de trabalho”. Destacou, ainda, que “quantos mais países aderirem, melhor será, porque embora cada país fale como fale o português, está em causa o facto de a língua portuguesa ser enobrecida”, garantindo que “as relações internacionais e comerciais se estabelecem dentro da língua”.

O diretor do Centro Cultural Brasil-Moçambique, Gabriel Borges, reconheceu a importância da realização de eventos desta natureza para o estreitamento de relações entre os países falantes da língua portuguesa, reforçando a necessidade da sua reedição com a justificação de a língua portuguesa ser “muito versátil que sofre mudanças em cada um dos países onde está presente, sendo um ponto comum a todos

eles”. Gabriel Borges não deixou passar em branco o facto de, em 2017, o Brasil ser presidente da CPLP, explicando o contributo da língua portuguesa para o desenvolvimento dos países do hemisfério sul: “o Brasil tem várias cooperações com países da CPLP fora do território nacional e isso dá-se graças à língua portuguesa, que facilita toda a logística de movimentação popular. Deve usar-se essa ferramenta para melhorar a economia dos países envolvidos, representando uma mais valia para todos”.

Na cerimónia de abertura, a diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, vincando os objetivos comprometidos aquando da criação da instituição ao abrigo do acordo de cooperação de 1999 entre Portugal e Moçambique, afirmou que a nossa Escola “estabeleceu, desde a sua génese, a sua missão de Centro de Ensino e Língua Portuguesa onde a língua aparece como veículo privilegiado para a cooperação entre os dois países, assumindo-se como veículo de difusão daquele instrumento de comunicação”. Dina Trigo de Mira destacou, ainda, as valências de Escola Integrada, Centro de Recursos Educativos e Centro de Formação que integram a EPM-CELP. No final da cerimónia, a diretora deixou a mensagem de que “a língua é o fator de união de todos nós e a alavanca para a cooperação nas diversas áreas, no caso da Escola Portuguesa, nas da educação e da cultura”.

Júlio Pedrosa
Antigo ministro
da Educação de Portugal



Tenham orgulho em ser quem são

O antigo ministro da Educação de Portugal, Júlio Pedrosa, que inaugurou a Escola Portuguesa de Moçambique em 2001, regozija-se com o facto de o atual projeto educativo da EPM-CELP dar continuidade aos objetivos que estiveram na sua génese, entre os quais “a ambição de fazer uma escola de excelência”.



Entrevista conduzida por ANA ISABEL MENDES

Como sente a EPM-CELP 16 anos depois de a ter inaugurado?

Sinto que entrei num espaço excecional em termos de qualidade e de cuidado posto na sua manutenção e melhoria. Falei com crianças de várias idades que me pareceram felizes e envolvidas em atividades de aprendizagem que lhes davam prazer e as faziam sentir-se bem na escola. Também falei com crianças com necessidades edu-

cativas especiais, acompanhadas de educadoras empenhadas num trabalho de equipa. Tive a perceção de uma escola que tem uma missão que está a ser cumprida e a agradar a quem escolheu fazer dela a sua casa de aprendizagem.

Os objetivos presentes aquando da inauguração estão a ser conseguidos?

Naquilo que eu consegui perceber há um espaço escolar que me parece ser excecional, que é, claramente, uma primeira condição para que a escola cumpra os seus fins. Numa conversa que tive com profissionais que trabalham nesta escola, desde professores a psicólogos, vi-os interessados no projeto e em darem o seu melhor. Portanto, não podia esperar que fosse diferente por-

que, quando se criou esta escola, havia, no grupo inicialmente empenhado na consolidação da ideia, uma ambição de fazer uma escola de excelência, objetivo que está a ser conseguido.

O que significou para Portugal, em 2001, a inauguração da Escola Portuguesa de Moçambique?

Estive no Ministério da Educação durante muito pouco tempo. Mas havia projetos de duas escolas internacionais às quais a equipa achou que deveria ser dada prioridade: esta e a Escola Portuguesa de Macau. Ambas estavam em “mundos” onde a língua portuguesa tinha uma história, uma

»»»



presença e muita gente interessada em frequentar uma escola que tivesse o currículo de Portugal e um ambiente de aprendizagem que lhes facilitasse a vida quando transitassem para outros espaços de língua portuguesa. Fizemos o que nos era possível para dar a resposta procurada naquela altura, que era consolidar a criação da escola. Foi isso que se fez. Pretendemos, então, que a presença de uma escola com currículo português tivesse condições para ser proposta a quem procurava educação escolar e que o projecto fosse consolidado em termos tais que as pessoas ficassem satisfeitas com aquilo que encontravam. Pretendia-se uma escola com bons espaços físicos, com um bom corpo docente, um currículo exigente e boas práticas. Hoje começamos por visitar espaços dedicados à promoção e ao ensino das ciências. Esta é uma frente de trabalho extraordinária, atual e de reconhecido valor. As pessoas devem ter presente que Portugal é um país da Europa em que o ensino e a aprendizagem das ciências tem sido bem feito ao longo dos anos. Somos o país europeu em que há maior percentagem de mulheres a escolherem matemática e outros cursos superiores de ciências. Estamos numa escola onde deram a necessária importância e atenção à aprendizagem e ao ensino experimental das ciências, tal como hoje vi, o que me deixa muito satisfeito. Posso dizer que estão a fazer um serviço que devem continuar, consolidar, ampliar e fazer conhecer. Há, com toda a certeza, muita gente que, se isso for uma aposta e uma marca da Escola Portuguesa em Moçambique, vai querer escolher esta escola. Não é apenas a língua portuguesa que está em causa, mas sim a língua portuguesa para a aprendizagem das ciências. Tenho referenciais deste continente e de Moçambique onde reconheço a necessidade de estimular o gosto pela ciência. Se a EPM-CELP continuar a fazer disso uma aposta está, com certeza, a dar um sinal às pessoas para virem aprender ciências com qualidade.

Recorda-se de algum episódio que tenha marcado de forma particular a inauguração da EPM-CELP?

Não era um dossier fácil e houve várias etapas que tiveram que ser ultrapassadas. Fiquei com ideia de que havia um dossier com algumas pedras no caminho que tiveram de ser removidas. Teve de se fazer isso de maneira cuidadosa e sistemática, porque umas coisas estavam relacionadas com outras. A doutora Albina, antiga diretora, colocou muito empenho e não descansou até que o Ministério da Educação removesse “essas pedras”. Portanto, isso envolveu diálogo interno com o Governo para ser ultrapassado e foi. A melhor memória que tenho

é que se conseguiu aquilo que era um objetivo com uma enorme importância para as pessoas de Moçambique e de Maputo em particular, mas também para a relação de Portugal com estas terras e com as pessoas que aqui vivem.

Como se colocava para Portugal, na altura do seu mandato, a questão alargada das escolas portuguesas no estrangeiro no quadro da internacionalização da língua e cultura portuguesas?

No Ministério da Educação, nessa altura, demos uma grande prioridade ao apoio a escolas portuguesas fora de Portugal. Já referi Moçambique e Macau, mas não referi Angola e Timor, que também constavam da agenda. Em Timor, a Escola Portuguesa Ruy Cinatti estava integrada numa política de apoio à cooperação, dando a possibilidade a muitos professores portugueses de irem para Timor ajudar à reconstrução e reforço da educação e da escola. Fui a Timor à inauguração formal da escola portuguesa e observei o investimento que então se fazia na recuperação de escolas timorenses com auxílio de entidades portuguesas. Lembro-me de que fui com a Administração da Swatch inaugurar uma das escolas emblemáticas que foi destruída durante aquele tempo difícil que viveu Timor antes da independência. Creio que isso foi um ponto alto da agenda porque tínhamos em Portugal muitos professores disponíveis para se envolverem com um País nascente em que havia clara necessidade de apoiar o desenvolvimento educativo e o ensino da língua portuguesa. Eu visitei escolas onde não havia uma carteira, mas em que havia um interesse extraordinário dos timorenses por aprenderem em português, onde as crianças iam para a escola no início de cada semana e ficavam a viver com amigos para frequentarem a escola. Fiquei impressionadíssimo com as caminhadas diárias de crianças para as escolas por todo o Timor onde andei. Eu estive apenas nove meses no Ministério da Educação e não sei qual foi a continuação dada a estas medidas. Neste período partilhei a prioridade dada à cooperação e pude contar com a liderança política do primeiro-ministro António Guterres que era um entusiasta desta opção. De facto, enquanto Ministro da Educação, tive sempre no primeiro-ministro um apoio excepcional para a orientação que adotámos no Ministério da Educação.

Que comparação pode estabelecer com a atualidade? Pensa que se devem fortalecer os laços entre as escolas portuguesas e as regiões onde se integram?

Defendo mais do que isso. Acho que Portugal devia ter uma política de cooperação que desse uma atenção muito particular não apenas às escolas portuguesas, mas às redes em que elas devem estar localmente integradas. Sou defensor do trabalho



em rede. Repare, estar em Moçambique implica conhecer o seu território e as suas gentes, mas significa também conhecer a geopolítica local, os territórios vizinhos, reconhecer que nos interessa como nação, como país, como cultura, como povo, estimular a relação com esses territórios, com esses povos e com essas comunidades, contribuindo para eles serem, também, aquilo que querem ser. Para contribuirmos temos de os compreender muito bem. Não se pode estar aqui sem se fazer o máximo esforço que pudermos para percebermos o sítio onde estamos, a comunidade, a cultura, o desígnio deste país. Ser parte, ser cooperante na realização desse desígnio. Portugal, o Governo e as entidades com responsabilidades políticas - sei que o Presidente da República está a colocar nisto um empenho enorme - devem contribuir para haver as melhores condições para se fazer o que ainda há a fazer. Entendo, há muitos anos, que a cooperação com os países e comunidades de Língua Portuguesa deveria ser uma prioridade para Portugal.

Na aproximação das escolas portuguesas no estrangeiro aos países de acolhimento como vê a questão da contextualização curricular? Acha pertinente?

Acho que há um compromisso assumido com um currículo que tem como referência



Se uma escola portuguesa, onde quer que esteja, puder ter autonomia, se se organizar para a integração do primeiro e segundo ciclos do ensino básico, já está, então, a dar um sinal e um contributo para a escola em Portugal também. Dará um contributo para pensar a escola de maneira diferente com a autonomia que tem. Se fosse possível dar essa autonomia a cada uma destas escolas, acho que Portugal prestaria um serviço para a própria educação nacional.

o que existe em Portugal, pois admite-se que procurarão esta escola crianças e famílias que querem prosseguir a sua vida noutros sítios em que tal opção é relevante. Haverá pessoas que estão em Moçambique com a ideia de poder viver em outros territórios no futuro, mas que têm o maior interesse em conhecerem e vivenciarem a realidade local, em compreender e aprender saberes da realidade próxima. Em Portugal há uma parte do currículo que pode ser desenvolvido com autonomia pela escola, tendo em conta a realidade local. Lá sou defensor disso. Por exemplo, que o currículo de Bragança inclua a realidade local e o de Beja também, como igualmente o de Lisboa. São realidades completamente di-

ferentes num país muito pequeno como Portugal. Se defendo isso em Portugal também o faço ainda mais aqui. Portanto, deve existir margem de autonomia curricular, numa percentagem devidamente estudada, que deve ser ativamente preenchida pelas escolas em função do sítio onde estão.

Qual o perfil de saída de um aluno que fez toda a escolaridade numa escola portuguesa no estrangeiro?

Vamos ao pré-escolar: as crianças nessas idades aprendem muito pela imersão no meio. Admito, portanto, que as crianças no pré-escolar têm uma mistura de várias culturas. Acho que o pré-escolar deveria ser um ponto alto da agenda de uma escola

portuguesa num território como Moçambique, exatamente por esta razão. É um tempo de aprendizagem das crianças em que o meio é relevantíssimo. Se vocês conseguirem afirmar-se com uma educação de infância exemplar creio que ganham todos. Ganha a escola, porque cria uma marca que conquista reconhecimento, e ganha quem escolhe esta escola para as crianças aqui fazerem a educação de infância. Defendo para Portugal uma educação primária de seis anos e a integração do primeiro com o segundo ciclo. Defendo isso, precisamente, porque, sendo crianças muito diversas, como em Portugal são, a qualidade da escola pública manifesta-se na sua capacidade para cumprir a sua missão, com exigência e bons resultados, em contextos marcados pela diversidade. Para tratar a educação primária num grupo diverso é preciso tempo. Há crianças que, no segundo ano, já estão no patamar A e há outras no C, mais abaixo ou mais acima. É preciso, portanto, a escola organizar-se para lidar com esta diversidade. Considero a educação primária a primeira, a fundamental e por isso mesmo é preciso proporcionar tempo para a escola primária construir as fundações de que as crianças precisam para depois prosseguir. Se uma escola portuguesa, onde quer que esteja, puder ter autonomia, se se organizar para a integração do primeiro e segundo ciclos, já está, então, a dar um sinal e um contributo para a escola em Portugal também. Dará um contributo para pensar a escola de maneira diferente com a autonomia que tem. Se fosse possível dar essa autonomia a cada uma destas escolas, acho que Portugal prestaria um serviço para a própria educação nacional. Na educação secundária, em Portugal, com o aumento da escolaridade até ao 12.º ano, temos muitas crianças a escolher educação secundária profissional. Tínhamos, há 10 anos, 75 por cento dos alunos nos cursos científico-humanísticos e 35 por cento nos profissionais. As últimas estatísticas já estão quase nos 50 por cento e há territórios onde já se atingiu esse equilíbrio. Tem de se pensar, em tal contexto, como organizar no ensino secundário os dois ramos possíveis de prosseguimento de estudos. O planeamento do ramo profissional é exigente porque tem necessidade de retaguarda de laboratórios e oficinas adequadamente equipados, que não é a mesma coisa comparativamente ao ensino científico-humanístico. Não sei se uma instituição como a Escola Portuguesa de Moçambique também poderia dar um contributo para pensar estratégias de valorização da educação secundária profissional. Por isso dizia que era bom funcionarmos não apenas em redes locais muito fortes, para termos em conta a realidade dos territórios em que estas escolas

»»»



estão, mas também integrarmos em tais malhas escolas de territórios de Portugal, porque há desenvolvimentos de um lado e de outro que interessam a ambas as partes. A quem aqui está interessa conhecer o que está a acontecer na Europa, com quem temos de estar alinhados. E na Europa interessa saber, se tivermos algum juízo, o que está a passar-se nos territórios onde existem Escolas Portuguesas e quais são as dificuldades, os anseios e os caminhos que seria melhor trilhar para contribuir para se construir futuros desejados.

Acha que a marca do ensino do currículo português tem aceitação e valor no quadro internacional?

Só podia responder com fundamento se conhecesse melhor a vossa experiência aqui em outras escolas portuguesas. Responderei de acordo com aquilo que creio existir e vou percecionando. Repare, tenho filhos que estão no mundo internacional. Um deles é diretor comercial de uma empresa internacional, que exporta 75 por cento da sua produção. Vejo, pela profissão dele, que tem necessidade de conhecer e trabalhar em contextos internacionais muito diversos, percorrer e estar no mundo. Isto acontece hoje praticamente em todas as profissões. Não é apenas nas profissões que exigem formação superior. É também verdade para o grupo de técnicos profissionais qualificados a outro nível a trabalharem para o mundo inteiro. Em Portugal é essa a realidade, a qual beneficiaria muito se usássemos estas “antenas” para conhecermos melhor países, povos e culturas por onde muitos portugueses vão passar ao longo de anos e anos. Em suma, direi que o desenvolvimento da economia portuguesa vai assentar no desenvolvimento das exportações das empresas portuguesas e isso significa que a possibilidade de os profissionais e os seus familiares, através do processo educativo, conhecerem melhor o mundo terá cada vez mais valor. A Escola Portuguesa em Moçambique, como outras escolas portuguesas que oferecem o currículo português merecerão, pois, crescente reconhecimento e podem, certamente, ajudar a expandir, consolidar e qualificar esses desenvolvimentos.

Qual o valor e aceitação do ensino do currículo português no quadro internacional?

O currículo português é bom e pode ser melhorado, não há dúvida. Aprecio muito os professores portugueses. São excelentes e estão muito bem preparados. Os professores envolvidos nesta escola, como em outras escolas portuguesas, estão a proporcionar uma boa oportunidade de aprendizagem a quem as frequenta. Pro-



clamo há muitos anos que não temos de nos queixar da preparação dos nossos professores. Talvez nos devamos preocupar mais com as condições que lhes proporcionamos para eles explorarem todo o seu potencial. Há uns anos mostrei o nosso currículo da área de Física e Química a um colega australiano e ele ficou admirado com o que os alunos aprendiam em Portugal. Se há alguma coisa que se possa dizer é que é um currículo exigente, muito exigente mesmo.

Que contributo a EPM-CELP pode dar para o desenvolvimento da educação em Moçambique?

A educação não é só aprender a conhecer nem é só aprender a fazer as coisas de uma forma mais profissional. Em Portugal precisamos, cada vez mais, de insistir no aprender a viver juntos e no aprender a ser. Pelos menos em Portugal isso não tem sido suficientemente relevado. Ainda ontem chamei a atenção para isso na conferência que proferi aqui, em Maputo. Verifiquei que havia uma certa sintonia de pontos de vista na audiência, que deu origem a uma interação através da qual verifiquei que as pessoas apreciaram a afirmação. Em conversas com responsáveis de Moçambique, pareceu-me que a questão da educação para os princípios e para os valores é assunto relevante aqui, também. Não estamos, portanto, a ir para a esfera de aprender a conhecer, do currículo sobre a aprendizagem de conhecimento. Estamos

O currículo português é bom e pode ser melhorado, não há dúvida. Aprecio muito os professores portugueses. São excelentes e estão muito bem preparados. Os professores envolvidos nesta escola, como em outras escolas portuguesas, estão a proporcionar uma boa oportunidade de aprendizagem a quem a frequenta.

a caminhar para a educação que fará a criança crescer num quadro de princípios orientadores da vida em sociedade. Esses princípios, em Moçambique, na sua essência, se calhar não são muito diferentes daqueles que precisamos de cultivar em Portugal. Podem ter de ser formulados de maneira diferente e aqui entra a perceção e a compreensão da cultura e do ambiente local, isto é, do contexto em que se está. Se uma escola destas pode ser “uma antena” para nós próprios percebermos a cultura deste país e o seu desígnio, então é um contributo para percebermos em Portugal a nossa vida juntos. Insisto e volto atrás: se tivesse alguma responsabilidade na política educativa em Portugal insistia para que se criasse uma rede de cooperação entre escolas portuguesas e entre estas e a rede de escolas existentes no território português. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser continuam a ser os pilares da Educação a cultivar em qualquer escola.

Que desafios se colocam à educação em Portugal no quadro da globalização?

Acho que, cada vez mais, temos de nos interrogar sobre quem temos à nossa frente numa sala de aula. E depois fazer a seguinte pergunta: Como me apetrecho como professor e educador para lidar com estas crianças que tenho à minha frente? Vejo esta pergunta a ser muito pouco feita. Ter à minha frente as crianças que vocês têm aqui numa aula de educação primária é di-

ferente do que acontece com uma colega ou um colega que está numa escola em um outro país. É preciso cultivar uma educação e uma formação de professores que faça disto a primeira pergunta: “Quem tenho à minha frente?” e “Como organizo a minha intervenção para dar a melhor resposta e ajudar este grupo de crianças a crescer, a chegar ao topo do seu desenvolvimento através da educação?”. Acho que estas questões não estão, habitualmente, no topo da agenda educativa. É preciso olharmos para as questões básicas que têm um efeito multiplicador no resto da nossa ação como educadores. Em Portugal há uma questão séria que é a autonomia das escolas, mas autonomia com responsabilidade. Tem que haver um entendimento sobre o que isso significa, ser autónomo como escola, para cumprir a minha missão que a escola deve assumir e cumprir. Então aparecem outras perguntas básicas: “qual é a minha missão como educadora, como professor, neste contexto específico?”; “quais são os fins da escola hoje?”; “o que tenho eu de fazer para que a escola cumpra tais fins, como escola primária, secundária ou jardim de infância?” Estas perguntas também não estão frequentemente presentes. Nas minhas últimas intervenções em Portugal tenho vindo a insistir, basicamente, no seguinte: a educação começa em casa, muito cedo. Se há uma diferença entre o que é a educação em casa e a educação na escola, é sobretudo na escola onde há mais dificuldades em articular a educação escolar com a educação familiar. Defendo muito o envolvimento da família na escola. Em Portugal não é fácil caminhar neste sentido, porque há sempre uma reação adversa dos professores à intervenção dos pais na vida da escola. É uma cultura que está instalada e que tem de mudar. Como é que pode mudar? Tive um programa em Portugal, durante quatro ou cinco anos, de estímulo às conversas em casa entre as crianças e os pais, ou outros familiares. Convidava os pais para uma primeira sessão para apresentação do programa. Depois, propunham-se guiões de conversa em que o professor pouco intervinha, as crianças levavam o guião no início da semana e entregavam-no depois de o terem usado na orientação de conversas com os pais. A resposta dos pais às reuniões com este objetivo rondava entre os 70 e 80 por cento de presenças, enquanto as reuniões tradicionais com os encarregados de educação andava pelos 30 por cento. Desafiei, depois, os professores a interrogarem-se porque havia aquela diferença. No fim, todos eles valorizaram aquilo que nós fizemos no programa e os resultados alcançados. Depois de cinco anos terminámos o projeto, cultivando o desejo de que as escolas se apropriassem disso. Quando perguntava aos professores porque não assumiam aquela prática, respondiam “não temos tempo”, uma exclamação frequente

Nas minhas últimas intervenções em Portugal tenho vindo a insistir, basicamente, no seguinte: a educação começa em casa, muito cedo. Se há uma diferença entre o que é a educação em casa e a educação na escola, é sobretudo na escola onde há mais dificuldades em articular a educação escolar com a educação familiar. Defendo muito o envolvimento da família na escola. Em Portugal não é fácil caminhar neste sentido, porque há sempre uma reação adversa dos professores à intervenção dos pais na vida da escola. É uma cultura que está instalada e que tem de mudar.

que merecia ser analisada, debatida, refletida, como tantas outras que a nossa vivência na escola suscita.

Tem alguma mensagem que queira deixar à comunidade educativa da EPM-CELP?

Deixo à comunidade educativa, aos professores, aos educadores, aos dirigentes da escola e às famílias dos alunos sentidas felicitações pelo projeto que aqui promovemos e o desejo de que tenham muito orgulho em serem o que são. Os professores, as professoras e educadoras portuguesas são excelentes profissionais. Não tenham reticências em aceitar que se diga isso e continuem a trabalhar para que assim seja. Procurem ser melhor compreendidos e compreender bem os contextos em que estão, para terem uma interação educativa mais efetiva e para promover o envolvimento familiar com a escola. Tenho passado por escolas em muitos sítios e muitos contextos, tenho falado com os mais diversos professores e registei esta impressão, que mantenho: há muita gente nova a entrar no sistema educativo e é bom que as pessoas que estão a sair sejam vistas como pessoas de referência, que devem ser entendidas pelas pessoas mais novas como dedicados e competentes profissionais, missionários de boa educação. Tenham orgulho em serem quem são, professores, educadores e profissionais da educação na Escola Portuguesa de Moçambique, que é uma excelente escola. ■



NOME

Júlio Domingues Pedrosa da Luz de Jesus

NATURALIDADE

Cadima, concelho de Cantanhede (Coimbra, Portugal)

IDADE 72

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

Doutorado no University College Cardiff (1974-1977), licenciado em Química (Universidade de Coimbra, 1973) e licenciado em Ciências Físico-Químicas (Universidade de Coimbra, 1967)

OCUPAÇÃO ATUAL

Investigador do CICECO – Centro de Investigação em Materiais Cerâmicos e Compósitos; Conselheiro da Fundação Bissaya Barreto, Fundação Ilídio de Pinho e Fundação Jorge Alvares (Portugal); Presidente do Conselho Fiscal da Fundação Bial; Membro do Register Committee do EQAR - European Quality Assurance Register e do Conselho do ITQB, Instituto de Tecnologia Química e Biológica da Universidade Nova de Lisboa desde 2009

PERCURSO PROFISSIONAL

Vice-reitor da Universidade de Aveiro (1987-1992); Reitor da Universidade de Aveiro (1994 a 2001); Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1998 a 2001); Presidente do Conselho Executivo da Fundação das Universidades Portuguesas (2005 a 2007); Presidente do Conselho Nacional de Educação (2005 a 2009); Membro do Conselho Geral da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2009-2012).

PRÉMIOS E RECONHECIMENTOS

Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública (2009); Honorary Fellow da Universidade de Cardiff (2008); Medalha de Mérito Internacional do Lions Clube (2005); Diploma de Reconhecimento de Mérito Profissional do Rotary Club de Aveiro (2003); Medalha de Mérito Municipal do Município de Aveiro (2002).

LEMA DE VIDA

“Fazer o bem com sentido de responsabilidade naquilo em que me envolvo. Ter uma grande atenção às pessoas. Aceitar as oportunidades que me vêm aparecendo. Sempre que aceitava uma oportunidade, aparecia-me outra. Levei este modo de estar na vida para todos os sítios onde estive e, como me senti sempre bem com ele, continuei a adotá-lo”.

Os nossos cientistas

Alunos da EPM-CELP pegaram em mandioca e em cascas de ovo e de cebola roxa para idealizarem e desenvolverem projetos na área da química. Depois ousaram sonhar e submeteram os trabalhos ao escrutínio dos júris de dois concursos científicos em Portugal. Resultado: trouxeram dois prémios para casa.

Dois projetos de alunos do 12.º ano da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foram distinguidos em concursos científicos realizados em Portugal. Orientada pela professora Margarida Duarte, o projeto “Bioplástico a partir do amido da mandioca” ganhou o terceiro prémio no 25.º Concurso Jovens Cientistas Investigadores, da Fundação da Juventude, e o projeto “Casca de ovo no combate ao raquitismo em Moçambique” recebeu o quinto Prémio Especial no 14.º Prémio Fundação Ilídio Pinho “Ciência na Escola” 2017.

Reduzir a quantidade de plástico existente na cidade e o lixo provocado pelos plásticos nos oceanos são os principais objetivos do projeto de bioplástico a partir da mandioca, tal como revelou a aluna Beatriz Amado, uma das autoras do projeto premiado, confessando que sempre foi propósito da sua equipa trabalhar para chegar à final do concurso, não escondendo o “orgulhoso de representar o povo moçambicano e a nossa escola em Portugal”, declarou. Por agora, o grupo está focado na fase de produção de sacos de plástico biodegradáveis, ideia que poderá vir a ser o início de “uma nova era de sacos de plástico biodegradáveis”, avançou esperançosa Beatriz Amado.



Foto: EPM-CELP

O projeto que associa a casca de ovo ao combate ao raquitismo em Moçambique, depois de ultrapassar a primeira fase - concurso de ideias - do 14.º Prémio Fundação Ilídio Pinho, no qual arrecadou 500 euros e o acesso à Mostra Nacional de Ciência, logrou nesta alcançar a distinção de melhor projeto apresentado pelas escolas portuguesas nos países africanos de língua oficial portuguesa. O prémio foi entregue pelo Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, no decorrer da cerimónia de encerramento do concurso «Ciência na Escola», no Convento de São Francisco, em Coimbra, onde,

nos dias 29 e 30 de junho, a EPM-CELP esteve representada pela aluna Raquel Gouveia e pela professora Cecília Cardoso.

No 25.º Concurso Jovens Cientistas Investigadores a EPM-CELP também competiu com o projeto “Quantificação espectral do flavonóide quercetina na casca de cebola roxa”, o qual foi igualmente selecionado para o lote dos 100 melhores da 11.ª Mostra Nacional de Ciência, promovida no Porto. Este mesmo projeto também marcou presença na etapa final do 14.º Prémio Fundação Ilídio Pinho, onde fez companhia ao projeto “irmão” da casca de ovo, que conquistou o quinto prémio especial.

Bioplástico a partir do amido da mandioca

Certame 11.ª Mostra Nacional de Ciência - 25.º Concurso Jovens Cientistas
Área Científica Química

Descrição do projeto O trabalho consiste na extração de amido da mandioca, usando-o de seguida como um dos reagentes na obtenção do bioplástico. Com os outros reagentes, nomeadamente glicerina e vinagre, pretende-se obter as características de um plástico convencional. O trabalho traz muitas vantagens, pois não só é biodegradável - seis mil vezes mais rápido do que um plástico normal - como também é comestível e amigo do ambiente.

Autores Beatriz Amado (12.º A1), Francisco Fernandes (12.º A2), Rushali Sacarlal (12.º A1)

Professor coordenador Margarida Duarte

Escola Escola Portuguesa de Moçambique

Prémio Terceiro lugar com um valor pecuniário de 750 euros

Casca de ovo no combate ao raquitismo em Moçambique

Certame 14.º Prémio Fundação Ilídio Pinho “Ciência na Escola” 2017
Área Científica Química

Descrição do projeto O principal objetivo é determinar a quantidade de cálcio biodisponível na casca de ovo para criar um suplemento de cálcio que possa ser administrado em ambientes onde a ingestão de alimentos ricos em cálcio seja difícil. Este trabalho prova que há uma elevada biodisponibilidade de cálcio na casca de ovo de aviário - nos ovos biológicos, de galinhas criadas ao ar livre, é cerca do dobro. Em média, a casca de um ovo não biológico possui cerca de 48% de cálcio biodisponível e a de um ovo biológico cerca de 88%. Apresentado em pastilhas como alternativa aos suplementos tradicionais, desenvolveu-se um suplemento de cálcio de baixo custo e de fácil obtenção, para atender às necessidades de várias faixas etárias da população. Transformou-se a casca do ovo, resíduo até agora sem valor, num bem precioso no combate a doenças como o raquitismo e a osteoporose.

Autores Yash Jahit, Edgar Faria e Rahit Sacarlal (todos do 12.º A2)

Professor coordenador Margarida Duarte

Escola Escola Portuguesa de Moçambique

Prémio Quinto prémio especial (categoria PALOP) com um valor pecuniário de 3000 euros



Entrega do terceiro prémio à equipa do projeto do “bioplástico de mandioca” na 11.ª Mostra Nacional de Ciência



A aluna Raquel Gouveia e a professora Cecília Cardoso ladeadas pelo Presidente da República, em Coimbra



Margarida Duarte, professora de Físico-Química

Alunos comprometidos de corpo e alma

A professora que orientou os alunos da EPM-CELP durante a conceção e desenvolvimento dos projetos premiados, Margarida Duarte, representante do grupo disciplinar de Físico-Química, faz um balanço positivo da participação dos estudantes e dos respetivos projetos nos concursos científicos de Portugal.

“O balanço é muito positivo. Todos os alunos se comprometeram de corpo e alma na defesa dos seus trabalhos. Responderam às perguntas do júri, composto por cientistas de renome, com entusiasmo e orgulho. Viram o seu trabalho ser muito apreciado e considerado pelos professores do ensino superior e secundário presentes no júri. Como professora continuarei a motivar os alunos a participarem em concursos nacionais e internacionais. As aprendizagens adquiridas vão muito além das conseguidas na sala de aula. O trabalho em modalidade de projeto tem muitas vantagens em relação a uma aula ‘normal’. Os alunos descobrem por eles próprios as respostas às questões-problema, têm objetivos a atingir e envolvem-se muito na sua própria aprendizagem. Os alunos aprendem com mais facilidade os conteúdos obrigatórios e ganham outras competências importantes para a sua formação como cidadãos, entre as quais, os benefícios do trabalho em grupo e o respeito pelas ideias dos outros, ficando motivados para aprender.”

Os nossos cientistas



Beatriz Machado Amado (12.º A1)



Francisco Fernandes (12.º A2)



Rushali Sacarlal (12.º A1)



Rahit Sacarlal (12.º A2)



Yash Jahit (12.º A2)



Edgar Faria (12.º A2)



Ensino pré-escolar quando a vontade vence...



TEXTO E FOTOS
Reinaldo Luís

Nos distritos de Matola, Boane, Manhiça e não só, os gritos e a desordem da criançada ouvem-se de forma ténue. Nos pequenos bairros, das 7 às 16 horas, o mote da pequenada é aprender. E é ali, nas imediações, que um grupo de crianças, entre os zero e os cinco anos, passa o dia a contar e a ler.

A indumentária dissipa qualquer tipo de dúvida; não é a mais usual no dia-a-dia de um passeio familiar. Os petizes têm como material obrigatório lancheira, sumos, pastas, cadernos, lápis e outros instrumentos que se julgam úteis para passar o dia na diversão e nas aprendizagens.

Na verdade, a discrição das atividades pode ajudar a explicar a necessidade de carregar tantos utensílios. “Não formamos só através das letras e números. As brincadeiras também fazem parte do nosso quotidiano. É importante que as crianças estejam à vontade para evitarmos ‘choques’ - entenda-se recusa - sempre que chega a hora de vir para a escolinha”, sustentou Tatacha, diretora do Centro Infantil com o seu nome.

Ao que tudo indica, as principais dificuldades do ensino básico em Moçambique prendem-se aos problemas na utilização da linguagem, domínio das letras alfabéticas, dos sons e números, instruções disponíveis às crianças-alunos apenas a partir dos seis anos de idade. Os professores e as direções distritais de Educação dizem, tal como analisam este processo, que problema deve-se, em parte, à falta de salas de aulas nas escolas moçambicanas pelo que os agentes de ação social têm corrigido sérios problemas de instrução no país.

Alguns encarregados de educação dos distritos da Matola, Boane e Manhiça sentem-se salvos e avaliam positivamente o esforço empreendido pelos “jardins-de-infância” na formação humana e na prepara-

ção dos petizes dos zero aos cinco anos para a “batalha dos estudos”.

Julieta Mavume é mãe de três filhos e desconhece qualquer ação pré-escolar que não exija custos. Do Estado! Porém, para melhorar a vida estudantil dos seus filhos, “deixei de apontar dedos, parei de pensar em custos e tomei uma decisão certa”. “Já não permito que o meu filho chegue aos seis anos sem saber nem contar até cinco, questionar e dominar minimamente a língua portuguesa, por mais que isso me custe caro”, salientou Julieta Mavume.

Com a confirmação dos encarregados de educação, diretores distritais de Educação e professores do ensino primário, as escolinhas são soluções para o pré-escolar nos distritos da Matola, Boane e Manhiça.



E não faltam argumentos: “sinto que há diferença muito grande nos meus filhos. O primeiro, que agora está a fazer o ensino secundário, tem problemas sérios de vocabulário e leitura. Não sabe nada. Agora, os últimos dois, que frequentaram a escolinha desde o primeiro ano, são diferentes. Gostam da escola e o mais novinho é esperto. Está sempre a questionar”, comentou Mónica Cumbane, residente do bairro da T3.

Nesta relação não são só os pais que agradecem pelas mentes brilhantes dos peizetes, mas também os professores das escolas primárias – que hoje se deparam com situações de ensino debaixo das árvores – agraciam. E as razões são inúmeras: “não há comparação possível entre um aluno que vem de casa e outro que vem da escolinha. Se um mostra pouca vontade, o outro é mais irrequieto e comunicativo. Se um mostra dificuldade em aprender, o outro aperfeiçoa”, disse o professor Atanásio Munguambe, acrescentando que o facto se deve à convivência mútua – novidade para um e rotina para o outro.

Enquanto tarda a introdução do ensino pré-escolar, ao nível do ensino público, algumas crianças criam as suas bases académicas nos estabelecimentos privados, ficando somente de fora as famílias sem dinheiro para o efeito. Embora reconheça as vantagens da existência do pré-escolar nas escolas primárias, Daudo Ussuhale, diretor dos Serviços Distritais de Educação, Juventude e Tecnologia, revelou que, neste momento, a inclusão daquele nível de ensino



vai pôr em causa os esforços empreendidos, presentemente, para colmatar o problema das “salas-árvores”. As razões são as prioridades atuais concedidas à criação de condições para que, pelo menos, os alunos das primeira e segunda classes conquistem espaço nas salas de aulas.

“Pequenos problemas, grandes soluções”!

“Pequenos problemas, grandes soluções” é uma frase inspiradora para quem sonha em dias melhores ou, através de meios alternativos, supera grandes dificuldades. O exemplo e a bravura das palavras pertencem a Tatacha, diretora da escolinha Tatacha localizada no bairro do Infulene, na

Matola, confessando que “já não estamos em tempos de poupar, principalmente em assuntos que à educação dizem respeito. Tudo parte do zero. Desde o ensino pré-escolar até ao superior. Conhecimento é investimento que é preciso fazer”. Questionada sobre a qualidade do produto que sai das escolinhas, em particular da sua, para as formaturas do ensino primário, a entrevistada socorreu-se da relatividade para afirmar que depende dos esforços empreendidos em cada centro infantil. Salientou, porém, que, independentemente da qualidade do serviço prestado por cada instituição, os centros infantis estão a colmatar graves problemas da formação educativa primária em Moçambique.

Inauguradas três bibliotecas escolares com envolvimento do projeto Mabuko Ya Hina

EC Polana Caniço B, EPC Laura Vicuña e EPC Unidade 25 são escolas do sistema de ensino moçambicano que ganharam bibliotecas na sequência de iniciativas empreendidas ou facilitadas pelo projeto 'Mabuko Ya Hina', liderado pela EPM-CELP.



Escola Comunitária Polana Caniço B

A inauguração da biblioteca da Escola Comunitária Polana Caniço B teve lugar a 31 de março, na presença de representantes das entidades que reabilitaram o edifício escolar e apetrecharam com livros o novo espaço de leitura daquele estabelecimento de ensino, como sejam a empresa LUCIOS e a EPM-CELP, respetivamente, para além de dirigentes das autoridades locais e diplomáticas.

Alunos da turma E do oitavo ano e da turma C do 12.º da EPM-CELP, envolvidos em projetos de voluntariado nos âmbitos da Educação para a Cidadania e do Programa de Voluntariado do ensino secundário, participaram na pintura das infraestruturas da EC Polana Caniço B, tendo ainda auxiliado na catalogação do acervo bibliográfico oferecido pela nossa Escola.

“É preciso cultivar a arte de rir, a alegria e a imaginação”, destacou Luís Torres na cerimónia de inauguração em representação da empresa LUCIOS, que reabilitou o edifício escolar. Por sua vez, António Matuse, chefe de Planificação dos Serviços Distritais de Educação de Kamaxaquene, afirmou que, tal como a aposta do Governo de Moçambique na educação prevê, “a biblioteca vai contribuir para a melhoria do ensino, sendo essenciais os parceiros que intervieram na reabilitação da estrutura”.

A participação ativa e voluntária dos alunos da EPM-CELP foi enquadrada no terreno pelo projeto 'Mabuko Ya Hina', liderado pela EPM-CELP. Este envolvimento foi destacado pela diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, lembrando que “quanto mais



bibliotecas forem criadas, mais leituras, mais leitores e mais escritores vão existir em Moçambique”.

Intervieram também na cerimónia o diretor da escola anfitriã, Tomás Tombanane, que não deixou passar em claro a importância das bibliotecas no incentivo à leitura e à escrita dos alunos. Laura Duarte, representante da Embaixada de Portugal em Moçambique, destacou, por seu turno, que “a educação em Moçambique é uma das prioridades para Portugal”.

Após os discursos oficiais, os presentes assistiram à encenação da peça de teatro 'Cinderela', interpretada por alunos das quinta e sexta classes da escola anfitriã, a que se seguiu a visualização de uma apresentação multimédia sobre as intervenções físicas na escola, mostrando o antes e o depois das obras. A manhã terminou com o descerramento da placa de inauguração pelos diretores da EPM-CELP e da EC Polana Caniço B.

Escola Primária Completa

Por iniciativa conjunta das embaixadas de Itália e de Espanha em Moçambique, com o apoio do projeto 'Mabuko Ya Hina', liderado pela Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), foi inaugurada, no passado 7 de abril, Dia da Mulher Moçambicana, a biblioteca da Escola Primária Completa Laura Vicuña, no distrito de Inharrim, província de Inhambane.

Na cerimónia inaugural, que contou com as presenças, para além da diretora da EPC Laura Vicuña, irmã Agnes Caetano, dos representantes das embaixadas italiana e espanhola, do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique, da EPM-CELP e de demais convidados, os presentes tiveram a oportunidade de assistir a uma breve apresentação multimédia, feita por professores e alunos da escola anfitriã, sobre o processo de nascimento da biblioteca até à sua materialização. À tarde, realizou-se o *workshop* 'Biblioteca Viva – Boas Práticas', dinamizado pelo projeto 'Mabuko Ya Hina', através da colaboradora Filipa Pais.

A EPM-CELP ofereceu à nova biblioteca escolar um vasto conjunto de livros, dicionários e jogos didáticos, esperando, desta forma, contribuir para a melhoria das aprendizagens dos alunos da escola de Inharrim, com a qual o projeto 'Mabuko Ya Hina' vai continuar a desenvolver o trabalho iniciado em 2013, quando a EPC Laura Vicuña recebeu, pela primeira vez, uma maleta de leitura na sequência da sua adesão ao referido projeto.



Escola Primária Completa Unidade 25

Foi inaugurada na manhã de 24 de março a biblioteca da Escola Primária Completa (EPC) Unidade 25, em Maputo. A sessão protocolar incluiu, além dos discursos oficiais dos representantes das entidades envolvidas, a declamação de poemas por alunos da escola anfitriã e uma exibição de dança interpretada pelo grupo cultural da própria EPC Unidade 25 para saudar a comunidade educativa e os convidados.

A criação da biblioteca resultou da parceria estabelecida entre a Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), através do projeto 'Mabuko Ya Hina', a organização não-governamental Helpo Moçambique e o banco Millennium bim. Para tornar a biblioteca realidade, em 2016, no âmbito do programa de responsabilidade social e do seu projeto de voluntariado empresarial, cerca de 30 colaboradores do Millennium bim meteram mãos à obra e, durante duas semanas, reabilitaram a sala destinada à biblioteca.

A biblioteca da EPC Unidade 25 é um local agradável e adequado para incentivar as crianças à leitura, através da disponibilização de livros infantis e outros materiais lúdico-didáticos. Os livros foram oferecidos pela Helpo Moçambique e a EPM-CELP procedeu à catalogação do acervo e à organização de todos os livros. "Somos felizes porque temos a nossa biblioteca e

estão criadas as condições para que haja uma melhor qualidade do ensino. Queremos incluir os pais no processo educativo, proporcionando uma maior abertura ao saber", destacou Melita Tsambe, diretora da EPC Unidade 25, enquanto a representante da Embaixada de Portugal, Indira Noronha, lembrou que "o gosto pela leitura e o acesso ao livro é fulcral na educação". De referir, a este propósito, que a EPC Unidade 25 faz parte, desde 2011, das escolas abrangidas pelo projeto 'Mabuko Ya Hina', tendo recebido, então, uma maleta de leitura oferecida pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal.

Na cerimónia inaugural intervieram a diretora da EPC Unidade 25, Melita Tsambe; Carlos Manjate, da Direção de Educação e Desenvolvimento Humano da Cidade de Maputo; os representantes do Millennium bim e da Helpo Moçambique, Maria João Barbosa e Bruno Santos, respetivamente; a diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, e, ainda, as representantes do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, Constâncio Xerinda e Constância Cuamba, bem como a representante da Embaixada de Portugal em Moçambique, Indira Noronha.

As intervenções do Millennium bim no espaço escolar incluíram, ainda, a criação de canteiros e a colocação de caixotes novos de lixo para facilitar a limpeza na escola.

ta Laura Vicuña



Visita de monitorização às escolas com maletas de leitura do distrito do Chibuto

À semelhança dos anos anteriores e no âmbito da parceria existente entre a Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), a Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal e a organização não-governamental AIDGlobal, as docentes do projeto 'Mabuko Ya Hina' Ana Albasini e Isabel Mota deslocaram-se ao Chibuto para uma visita de monitorização, no sentido de avaliarem o funcionamento das maletas de leitura durante o ano de 2016, às 10 escolas daquele distrito que integram o referido projeto.

A visita permitiu também a realização de um encontro de trabalho no qual participaram os docentes bibliotecários das seis escolas com bibliotecas, das 11 com 'bibliotchovas' integradas no projeto de dinamização da leitura, promovido pela AIDGlobal, e das 10 escolas com maletas de leitura que integram o projeto 'Mabuko Ya Hina'. Foi um momento de partilha e de balanço entre todos os intervenientes.



Bárbara Marques, ilustradora, e Mauro Brito, autor do texto, ladoam o subdiretor da EPM-CELP Francisco Carvalho (ao centro) na sessão de apresentação do livro

‘Passos de Magia ao Sol’ encanta crianças

Promover a leitura, o livro e a língua portuguesa foi o objetivo da iniciativa editorial da Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) ao lançar o livro “Passos de Magia ao Sol”. Escrito por Mauro Brito e ilustrado por Bárbara Marques, a obra de poesia para crianças foi apresentada 7 de março, no Jardim do Professor – espaço Associação Livro Aberto. A obra, escrita em verso, traduz pensamentos e reflexões do autor sobre a infância para aproximar os mais novos à poesia.

“Neste livro estão presentes os ele-

mentos da vida: terra, água, vento, fogo e o mais importante – a memória”, frisou o apresentador do livro Rogério Manjate, antes de recitar alguns dos versos que, acrescentou, “convidam a olhar para a infância”. Destacou, também, a importância dos livros na educação das crianças, bem como a necessidade de existir uma coleção lúdica, “agregando o gosto pela leitura ao livro enquanto objeto estético”, afirmou.

O autor Mauro Brito, de origem cabo-verdiana, estreou-se na literatura e na poesia através das quais deixa transparecer a nostalgia da vida num país diferente do da

sua origem. Durante a sua intervenção, destacou que “a leitura é uma fábrica inteira onde é moldada e recolhida toda a criatividade dos seres humanos” e que “o olhar, o ver, o contemplar e o observar fazem parte do pensamento”. Por sua vez, Bárbara Marques deixou palavras de agradecimento a todos os que a apoiaram na estreia como ilustradora, esperando que as “imagens possam abrir os horizontes das palavras e trazer alegria aos leitores”.

O evento encerrou com a audição de alguns poemas do livro na voz de três leitores e com um momento musical.

Quase 250 alunos envolvidos em concurso de soletração

O concurso de soletração da EPM-CELP, realizado no Auditório Carlos Paredes no dia 27 de abril, envolveu 243 alunos e 28 professores do segundo ciclo do ensino básico, participando na final 36 estudantes equitativamente distribuídos pelos quinto e sexto anos.

A iniciativa teve o objetivo de ampliar o vocabulário, valorizar os estudos de ortografia, ortoépia e prosódia nas línguas portuguesa e inglesa, proporcionando uma abordagem ao novo acordo ortográfico no âmbito das disciplinas de Português, Inglês, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.



Dos 36 alunos finalistas dos quinto e sexto anos de escolaridade foram apurados três por cada ano, classificados dos primeiro ao terceiro lugares. Estes vencedores foram selecionados pelo sistema de desempate por “morte súbita”, durante a soletração de palavras em inglês, com a vitória atribuída ao concorrente que soletrou em menos tempo.

Os três primeiros classificados de cada um dos anos de escolaridade receberam dicionários básicos de Português, dicionários ilustrados de Inglês-Português, atlas, publicações, *pen drives*, agendas e brindes da EPM-CELP.

Edições EPM-CELP lançaram sementes em Lisboa e Coimbra

A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) esteve, em junho, representada, pela primeira vez, com as suas publicações literárias na 87.ª Feira do Livro de Lisboa e na 40.ª Feira do Livro integrada na Feira Cultural de Coimbra 2017, em Portugal.

A rota de Portugal é apenas um dos primeiros passos no esforço de divulgação das publicações da EPM-CELP fora do território moçambicano, afirma Teresa Noronha, editora da escola portuguesa, para quem “estas iniciativas permitem um fluxo cultural dos países de língua portuguesa para Portugal e não só de Portugal para os outros países”.

O catálogo literário da EPM-CELP já atraiu as atenções do Brasil, onde os direitos de autor de algumas obras foram comprados pela Kapulana Editora, aventurando-se agora numa segunda etapa de divulgação para outras latitudes culturais, em aproveitamento das feiras que permitem atrair atenções para a atividade editorial em desenvolvimento na nossa Escola. Ainda em Portugal, para além das participações nas feiras de Lisboa e de Coimbra, algumas obras da EPM-CELP também estiveram presentes, no mesmo mês, na Festa da Ilustração em Setúbal, pela mão de Luís Cardoso, que ilustrou quatro livros publicados pela EPM-CELP constantes do catálogo.

A Feira do Livro de Lisboa, onde a EPM-CELP partilhou um pequeno espaço do pavilhão de uma empresa local, é, habitualmente, bastante concorrida por editores, livrarias e distribuidores. “É um mundo e é preciso estarmos conscientes de que estamos a integrar um universo muito grande e não é automático que as pessoas dêem atenção aos nossos livros”, observou Teresa Noronha a propósito da participação pioneira da EPM-CELP no maior certame literário da capital portuguesa. E apontou o caminho para a presença na edição 2018: “A minha ideia é que nos associemos a outras editoras num *stand* onde a identidade moçambicana fique bem patente”, afirmou. Desta forma, ter-se-ia um grande chapéu de Moçambique sob o qual, esclarece Teresa Noronha, se organizariam as publicações de várias editoras.

Outro aspeto positivo da



participação da EPM-CELP na Feira do Livro de Lisboa foi o contacto com editores de Angola, abrindo uma nova perspectiva de uma “abrangência de vários países pertencentes ao mundo lusófono e editar em Moçambique, alargando o espetro a outros países de língua oficial portuguesa”, declarou Teresa Noronha.

Na sequência das presenças nas feiras de Lisboa e de Coimbra, as edições da EPM-CELP vão ser distribuídas por algumas livrarias em Portugal e estarão representadas em todas as feiras do livro portuguesas, nomeadamente em Viana do Castelo e no Porto e especialmente em eventos ligados às literaturas africanas.

Noutro sentido, mas também na direção da expansão além-fronteiras, a EPM-CELP também ambiciona, de acordo com Teresa Noronha, que os seus livros sejam distribuídos pela Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal e que venham a ser contempladas no Plano Nacional de Leitura.



EDIÇÕES EPM-CELP

Contos e Histórias de Moçambique

Coleção que conjuga texto e ilustração e busca trazer o imaginário popular das histórias tradicionais de Moçambique para os nossos dias. O resultado é um casamento feliz onde a palavra e a imagem narram à vez as histórias outrora contadas à roda de uma fogueira. Os livros desta coleção são distribuídos gratuitamente pelas escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino moçambicano e têm, desta forma, ganhado novas vidas e conquistado espaços infinitos.

Coleção Acácias

Reúne numa mesma caixa quatro pequenos livros de vários géneros de autores contemporâneos dos diferentes países falantes da língua portuguesa.

Coleção Histórias que tecem a História

Pretende construir, a partir de um mosaico de histórias pessoais, uma linha condutora para uma narrativa histórica de Moçambique.

Coleção Pensar a Educação

Mais do que informar pretende levar à discussão vários temas ligados à pedagogia, à didática e à educação enquanto prática e arte. As várias teses dos professores da EPM-CELP, pela sua riqueza e diversidade, constituem um ponto de partida importante para aquela reflexão.

Ainda...

Livros infanto-juvenis (13 títulos), de poesia e publicações extra-coleção.

Sarau das Línguas

‘escola e arte em movimento’

No Aeroporto Internacional de Maputo começou a ação dramática da edição 2017 do Sarau das Línguas da Escola Portuguesa de Moçambique que, mais uma vez, arrebatou o entusiasmo e admiração do público. Num ambiente intimista e bem disposto, os alunos foram atores de um espetáculo que, eles próprios, idealizaram e argumentaram. O envolvimento e a facilidade de rir e sorrir foram contagiantes.

O Auditório Carlos Paredes da Escola Portuguesa de Moçambique-Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foi palco da edição 2017 do Sarau das Línguas, no passado dia 6 de junho. Sob o lema ‘O que faz falta é unir a malta – Entendimento Global’, o espetáculo consistiu numa mostra dos resultados das aprendizagens das diferentes línguas que se ensinam na EPM-CELP: português, inglês, francês e espanhol.

A ação dramática do Sarau das Línguas começou no Aeroporto Internacional de Maputo onde representantes de diversos países na Organização das Nações Unidas tentam embarcar, mas um atraso no voo leva-os, durante o tempo de espera, a uma interação circunstancial da qual se vão desprendendo os diversos números desenvolvidos no palco.

Conjuntamente com os saberes linguístico e literário, o teatro, a música, a dança, a magia, a expressão corporal e o desenho fizeram as delícias das mais de 200 pessoas que assistiram ao espetáculo, entre alunos, encarregados de educação,

professores, funcionários e convidados. “Do ponto de vista artístico, pedagógico e técnico este sarau superou todas as expectativas”, destacou o coordenador pedagógico do terceiro ciclo do ensino básico, João Paulo Videira, que tem sido o encenador das últimas edições do Sarau das Línguas.

Coordenado pelos professores do Departamento de Línguas, mas orientado por alunos do quinto ao 12.º ano de escolaridade, o espetáculo de 2017 foi diferente dos realizados nas edições passadas. Se, por um lado, houve mais tarefas entregues aos alunos, como a produção gráfica e textual, anteriormente a cargo dos professores, por outro revelou-se um espetáculo mais inclusivo, uma vez que foram os alunos a selecionar os participantes nos 22 números que foram apresentados durante cerca de duas horas da sessão. “Os alunos envolveram-se de forma ímpar, os professores foram inexcedíveis no seu acompanhamento, os serviços da escola foram muito competentes e, nessa medida, não deixando de ser um momento pedagógico e





até curricular, acabou por ser um espetáculo de entretenimento com forte pendor artístico e grande impacto”, ilustrou João Paulo Videira, para quem o Sarau das Línguas já se transformou numa ‘escola em movimento’, em alusão ao aproveitamento e integração dos saberes e competências curriculares adquiridos que os alunos cruzam nas tarefas de conceção e produção do espetáculo, elas próprias uma fonte de aprendizagens autónomas e significativas.

O projeto ‘Sarau das Línguas’ nasceu há oito anos por impulso do Departamento de Línguas no sentido de apresentar, anualmente, uma mostra representativa dos resultados das aprendizagens das diferentes línguas, permitindo a combinação dos saberes linguístico e literário com as diversas linguagens e expressões artísticas.

Há quem diga que esta foi a melhor edição de todas e esta tem sido a marca das últimas edições, ou seja, a atual sempre melhor do que a anterior. Em 2017 a reação do público foi estrondosamente compensadora. Para o ano há mais!



FOCO

Da aula ao palco

O Sarau das Línguas tem conseguido, em todas as suas edições sem exceção, a simpatia e o aplauso da comunidade educativa. É um importantíssimo indicador para a pertinência da atividade. E percebe-se que assim seja, uma vez que colegas, pais, familiares, professores e funcionários assistem, naquele momento, à metamorfose dos alunos, que conhecem dos corredores, em artistas das mais diversas formas de expressão. Não obstante o regozijo que isto possa causar-nos, para nós, educadores e docentes do Departamento de Línguas, não é esta a virtude maior do Sarau das Línguas. Essoutra, menos visível porque mais profunda, é do foro pedagógico.

As apresentações que se levam a palco são reflexo do trabalho realizado nas aulas, são a transformação dos processos de aprendizagem e das matérias em formas de expressão artística. Os poemas que se declamam, as representações que se fazem, as canções que se cantam, as danças que se dançam, as magias que se apresentam, os instrumentos que se tocam, tudo isso emerge do trabalho realizado nas diversas disciplinas do Departamento de Línguas e de outros departamentos, como é o caso reiterado das Expressões e da Educação Física, tendo, este ano, sido feita, inclusive, uma apresentação decorrente de um trabalho realizado em Físico-Química. Trazemos, ainda, com orgulho e imbuídos do espírito de cooperação e amizade traçado no acordo com Moçambique, convidado escolas moçambicanas que nos

honram com a sua presença e as suas prestações, cuja matriz respeitamos e acolhemos.

Ora, são estas as atividades que fazem sentido numa perspetiva pedagógica. Aquelas que confluem com as aulas e os planos curriculares, aquelas que retiram dos momentos didáticos, mergulham nas aprendizagens e se revelam, metamorfoseadas, naqueles noventa minutos de espetáculo. É um momento de entretenimento, mas não no vácuo do conhecimento, pelo contrário, é semeado por ele e, por isso mesmo, a curiosidade, o gosto e o orgulho que o Sarau gera na comunidade educativa são renovados a cada ano.

Sempre nos referimos ao trabalho que esta atividade dá, às centenas de pessoas das mais diversas áreas da nossa comunidade que se envolvem no Sarau das Línguas e sempre juramos simplificar processos. Acontece que a vida não se simplifica e a pedagogia não é algo simples, caso contrário, não seriam precisos professores. Por isso, todos os anos se repetem as rotinas, as preocupações e as dores... as dores de crescer, de desabrochar e dar sentido à aprendizagem, de revelarmos os alunos que recebemos no início do ano num outro estágio do desenvolvimento. Esse é o grande desafio e é a isso que, independentemente das correntes de pensamento e das modas, chamamos de **EDUCAÇÃO**.

JOÃO PAULO VIDEIRA

Afinação alta



24 de junho a 1 de Julho, 2017

MASTERCLASS

A introdução do coro foi a maior novidade da 14.^a edição da Masterclass de Música da Escola Portuguesa de Moçambique, demonstrando o seu permanente carácter inovador por via do qual tem vindo a vincar, ano após ano, a sua marca na agenda de oferta de formação musical da cidade de Maputo.

O Pátio das Laranjeiras da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foi o palco do concerto final da 14.^a edição da Masterclass de música, a 1 de julho, no fecho desta edição. Dezenas de alunos deram a conhecer a familiares, amigos e convidados o trabalho realizado, durante uma semana, nas classes de violino, viola de arco, piano e coro. Além dos alunos da EPM-CELP, participaram no workshop alunos da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade Eduardo Mondlane sob a batuta de quatro professores convidados e três residentes.

O tema da edição 2017 da Masterclass aludiu aos filmes animados da Walt Disney, com interpretações de obras como “Já Passou/Let it go” (Frozen), “Mundo ideal” (Aladino), “Hakuna Matata” (Rei Leão), “Ciclo Sem fim” (Rei Leão), “Tu vives aqui no meu coração” (Tarzan) e “Somente o necessário” (Mogli), para além de outras de temáticas distintas individualizadas.

A inovação maior da Masterclass 2017 foi a introdução do coro, ao lado do violino, viola de arco e piano, na agenda da semana de aprendizagem e, consequente-



mente, no concerto final. Leandra Reis, professora de Educação Musical responsável pelo coro, explica a novidade: “Iniciámos com o violino, mas, ao longo dos anos, alargamos a Masterclass a outro leque de instrumentos oferecidos nas atividades extra-curriculares, como o piano, a viola de arco e, este ano, o coro”.

Rute Langa, 25 anos, aluna da ECA, participou pela segunda vez na Masterclass da EPM-CELP na categoria de viola de arco, o que lhe proporcionou, nas suas próprias palavras, “uma nova visão daquilo que é a viola”, sentindo que evoluiu pois “o nível de afinção foi muito diferente este ano”, concluiu. Já para Cristina da Silva, 54 anos, professora assistente da Universidade Eduardo Mondlane, esta foi a primeira vez que participou no evento, na categoria de violino, experiência confirmadora da máxima “a música não tem idade, é vida, é alma”, segundo as suas próprias palavras, afirmando que pretende continuar a participar nas futuras edições.

Entre alunos da EPM-CELP, com idades entre os seis e os 16 anos, e da ECA, foram mais de meia centena os participantes nos trabalhos de preparação da orques-

Variedade de alunos



VALMARISA CONZO
20 anos
UEM

Violino e voz

“Foi uma experiência muito boa, vou voltar a repetir se tiver essa possibilidade no futuro”.



CECÍLIO ABCÍNIO
25 anos
UEM

Viola de arco e voz

“Este intercâmbio ajuda no nosso desenvolvimento em termos musicais. Se houver outras ocasiões, virei”.



CRISTINA DA SILVA
54 anos
UEM

Violino

“A música não tem idade, é vida, é alma. Criança tem alma, adulto tem alma e a música é isso mesmo: alma”.



Mestres

tra da Masterclass. “Os mais velhos percebem que devem ajudar os mais novos a evoluir”, explicou António Nogueira, professor de violino no Colégio Moderno de Lisboa, que participou pelo segundo ano consecutivo na Masterclass da EPM-CELP, uma das dinâmicas da semana de aprendizagem. Por sua vez, a professora de viola de arco, Sandra Raposo, que pela primeira vez participou no evento, afirmou que “em termos musicais foi uma experiência muito positiva, em que aprendi muito”.

A pianista espanhola Laura Andrés, pela quarta vez participante como professora na Masterclass da EPM-CELP, a experiência foi “recompensadora e é impressionante ver o trabalho realizado pelos professores ao longo desta semana”, concluindo que “a magia da música é fazer-nos falar na mesma língua”. A sua conterrânea Pepi Izquierdo, professora de viola de arco, reincidente pelo terceiro ano consecutivo na iniciativa, garante que a motivação, o treino e a prática constantes, a existência de um bom professor e tocar com um conjunto diversificado de pessoas podem ser os ingredientes para se formar um bom violinista.

O balanço do trabalho realizado ao longo da semana foi, de acordo com Luís Santana, professor de violino e referência na continuidade e desenvolvimento da Masterclass da EPM-CELP, “positivo já que foram alcançados todos os objetivos propostos aos níveis artístico e pedagógico”, tendo garantido que o concerto final foi o reflexo do trabalho desenvolvido na semana de trabalho.

Desde a primeira edição do projeto, ocorrida em 2004, que a EPM-CELP enceta uma filosofia educativa que assume a música como valor a transmitir aos seus alunos, concretizada, então, pelo projeto-piloto Iniciação Musical em Violino, no ano letivo de 2003/2004. Luís Santana, professor de violino na EPM-CELP desde 2007, referiu, a propósito, a evolução positiva, ao longo dos anos, do trabalho individual desenvolvido pelos alunos o que, na sua opinião, tem contribuído para o crescimento musical e artístico da Masterclass da EPM-CELP. É, pois, com satisfação que transmite o registo, pela segunda vez consecutiva, a realização de um concerto final com orquestra e, este ano, com o coro.



António Nogueira
Portugal - Violino



Laura Andrés
Espanha - Piano



Pepi Izquierdo
Espanha - Viola de Arco



CAROLINA SPENCER
15 anos
EPM-CELP

Piano e voz



MANUEL GUIMARÃES
14 anos
EPM-CELP

Piano e voz

“Houve uma boa relação entre professores e alunos e foi bom existir um repertório conhecido”.

“Trabalhámos as vozes de forma a sermos só uma, em unísono. Foi positivo, com bons resultados, acredito que se repita no futuro”.



Sandra Raposo
Portugal - Viola de Arco

“Ler p'ras(z)er Herói” desafiou criatividade

“Ler p'ras(z)er Herói” foi o tema escolhido para celebrar o prazer de ler, de ouvir ler e de recriar, entre outras iniciativas que marcaram a 11.ª edição da Semana da Leitura da EPM-CELP.

Dinamizada pela Biblioteca Escolar José Craveirinha, de 27 a 31 de março, a Semana da Leitura do ano letivo de 2016/2017 dirigiu-se não só aos membros da comunidade educativa da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), mas também a alunos de escolas moçambicanas. Ofereceu momentos de leitura, de ilustração e desenhos, de dramatização, concursos de provérbios e adivinhas, de contos literários, de leitura expressiva e de soletração, para além de lançamentos e apresentações de publicações da escola, ao longo de um programa de atividades orientado para o incentivo à leitura e ao prazer de ler.

“EPM a LER+” foi a atividade “rainha” que abriu a semana, a qual desafiou todos os presentes no recinto escolar a interromperem as tarefas em mãos e lerem durante 30 minutos: um sinal sonoro para começar e outro para acabar. Paralelamente, a exposição «Lugar e leitura - uma abordagem silenciosa» permaneceu no átrio central da EPM-CELP, consagrada aos encontros de leitura e de narração diária de contos e histórias.



“Lugar e leitura - uma abordagem silenciosa”

A instalação “Lugar e leitura – uma abordagem silenciosa”, da autoria do artista moçambicano Jorge Dias, destacou-se no átrio central da EPM-CELP e transformou o espaço num local acolhedor para partilhar momentos de leitura, estimular a imaginação e ouvir e ler com prazer no decorrer da Semana da Leitura. Acolheu, por excelên-

cia, muitos “Momentos Ler p'ra Z/Ser”, dinamizados por alguns adultos e alunos do 10.º ano e dirigidos aos meninos do pré-escolar e do primeiro ciclo de ensino básico da nossa Escola.

A estrutura que compôs a exposição foi o elemento que motivou a parceria promovida pela Biblioteca Escolar José Craveiri-

“Ambiente de partilha e recriação”

Em jeito de balanço, Ana Paula Relvas, professora de Português e coordenadora da Biblioteca Escolar José Craveirinha, organizadora do evento, afirmou que a Semana da Leitura 2017 foi “dinâmica e direcionada quer para alunos de escolas moçambicanas, quer para a comunidade escolar da EPM-CELP”, promovendo, acrescentou, “um ambiente centrado na leitura, nas interações, na partilha e na recriação de histórias e de saberes, animado por momentos musicais adequados às atividades dinamizadas e ao tema”.



dade na Semana da Leitura 2017



Leitura, oralidade e imaginação ao ritmo das novidades literárias

Durante a Semana da Leitura 2017, de 27 a 31 de março, foram apresentadas as obras “Passos de Magia ao Sol” e “A viagem de Luna” e lançada a quarta coletânea “Na Ponta da Língua”, que reúne textos dos alunos da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP).

A apresentação do livro infanto-juvenil editado e publicado pela EPM-CELP, “Passos de Magia ao Sol”, da autoria de Mauro Brito e ilustrações de Bárbara Marques, ocorreu em dois momentos, destinados a públicos distintos: no dia 27 no Auditório Carlos Paredes, dirigido aos alunos do quarto ano do ensino básico da nossa Escola e da quinta classe da Escola Primária Completa 4 de Outubro, e no dia 31, no mesmo local, para os alunos dos quinto e sexto anos, também da EPM-CELP.

No átrio central, na tarde do dia 29, teve lugar a apresentação do livro “A Viagem de Luna”, da autoria de Teresa Noronha com ilustrações de Rute Bañon e publicado pela “Alcance Editores”. A atividade consistiu na leitura pública do livro dinamizada conjuntamente pelos alunos Miguel Ângelo e Margarida Pinto, ambos da turma C do 12.º ano.

A sessão de lançamento da quarta coletânea de textos do espaço literário “Na Ponta da Língua” teve lugar na Biblioteca Escolar José Craveirinha, no dia 30 de março, e foi participada pelos alunos de uma turma do terceiro ciclo do ensino básico, alguns deles autores. O livro digital reúne 22 textos livremente escritos por alunos durante o ano letivo de 2014/2015 e publicado na página oficial da nossa Escola na Internet, na secção com o mesmo nome.



e m silenciosa”

nha que uniu, por exemplo, uma turma de alunos da Escola Nacional de Artes Visuais de Moçambique e os alunos do oitavo ano da EPM-CELP, resultando na realização conjunta de trabalhos orientados articuladamente pelo artista Jorge Dias e os professores de Educação Visual da EPM-CELP Peter Atassanov e Inês George.



“A liberdade libertou-se” no 25 de Abril



“A liberdade libertou-se” foi o tema escolhido pelo grupo disciplinar de Português para celebrar o Dia da Liberdade de Portugal. Teatro e música preencheram, esta tarde, o Auditório Carlos Paredes, que contou com a presença dos alunos das turmas A2 e C do 12.º ano e das A e B do nono, bem como alguns dos quarto e sétimo anos, docentes e encarregados de educação.

Com plateia cheia, o objetivo de transmitir a mensagem de libertação da liberdade foi conseguido, como explicou Rute Santos, professora de Português: “os alunos envolveram-se com empenho e compreenderam a mensagem porque houve conhecimento e enquadramento prévios das matérias levadas a palco.” A docente des-

tacou o carácter interdisciplinar da atividade que, de forma lúdica, mostrou a importância das conquistas do 25 de Abril de 1974. Os alunos do 12.º ano interpretaram algumas passagens da peça de teatro “Felizmente há Luar!”, de Luís de Sttau Monteiro, e recuperaram “o tesouro, que é a liberdade, capturado pelo regime ditatorial, mas que foi repostado pelo golpe de estado”, frisou Rute Santos.

Além das disciplinas de Português e de História, também a de Educação Musical contribuiu para o espetáculo, abrindo espaço para as “músicas de intervenção que serviram de senha para a revolução avançar”, explicou, mais uma vez, Rute Santos sobre as canções interpretadas pelo grupo “Little Singers” e alunos do sétimo ano.

Crianças da EPM-CELP celebraram Dia Mundial





África tem meninos de todas as cores

Um debate sobre identidades culturais, impulsionado pela audição da história “O menino de todas as cores”, foi a atividade central das comemorações do Dia de África, realizadas a 25 de maio no átrio central da nossa Escola e protagonizadas por alunos do terceiro ano da EPM-CELP e de duas escolas moçambicanas.

“Não existe só uma cor num país”, “somos africanos, mas somos do mundo inteiro” e “temos uma identidade individual e a identidade de continente” foram algumas das conclusões do diálogo dinamizado por Sandra Macedo, professora de Filosofia, depois de ouvido o coletivo dos pequenos pensadores. A iniciativa resultou da parceria estabelecida entre o Grupo Disciplinar de Filosofia/Psicologia, através do projeto “Filosofia para Crianças”, o

projeto “Mabuko Ya Hina” e a Biblioteca Escolar José Craveirinha com o objetivo de promover a reflexão sobre a interculturalidade no mundo.

O diretor pedagógico da Escola Comunitária 4 de Outubro, Benedito Chiziane, fez um balanço muito positivo das atividades de partilha cultural, manifestando o desejo de “manter o intercâmbio para o aluno desta escola ter noção da realidade moçambicana e das dificuldades que vivenciamos no dia-a-dia”, afirmou.

Ao debate seguiu-se uma atividade de expressão plástica alusiva ao tema, orientada por Inês George, coordenadora do Departamento de Expressões. Para o final esteve reservado o “repasto” de maçarocas assadas, bananas, mandioca e outros vegetais disponíveis ao ar livre, defronte do edifício central.

Dia da Criança Africana celebrado em boa companhia

A EPM-CELP, através do projeto «Mabuko Ya Hina», comemorou o Dia da Criança Africana com a exibição do filme «Madagáscar 3» que atraiu ao Auditório Carlos Paredes, a 19 de junho, cerca de 100 crianças de escolas do sistema de ensino moçambicano.

Muita alegria e diversão marcaram a jornada de convívio entre alunos das escolas Unidade 18, Unidade 19, Unidade 23 e EC 4 de Outubro, todas integrantes do projeto «Mabuko Ya Hina», liderado pela EPM-CELP, e que, em conjunto, celebraram o Dia da Criança Africana, assinalado a 16 de junho.

O filme «Madagáscar 3» foi lançado em 2012 pela DreamWorks, nos EUA, com direção de Eric Darnell, Tom McGrath e Conrad Vernon. A película retrata um grupo de quatro animais amigos que vão para a Europa onde são perseguidos por agentes de uma entidade de controlo animal. Para a evitar, os amigos juntam-se a uma companhia de circo que sonha atuar em Nova Iorque.





“Aconselho os alunos a prepararem-se para o mundo real”

Yannick Sousa

Ex-aluno da EPM-CELP

Ex-aluno da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), Yannick Sousa, 20 anos, frequenta o segundo ano da licenciatura em Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social, em Lisboa, Portugal. Esteve de férias na cidade natal, em Maputo, no princípio deste ano. Com o coração em Maputo e a vida universitária em Portugal, confessa que, apesar de ser interessante estudar fora e viajar pelos países da Europa, a vida longe da terra natal nem sempre é “um mar de rosas”.



Ana Isabel Mendes

Em que aspetos a ida para Portugal alterou a tua forma de ser?

Desde que fui estudar para Portugal estou mais responsável, mais respeitador e já não sou o Yannick sem cabeça da Escola Portuguesa. Penso que é bom as pessoas irem para fora e, no meu caso, a necessidade trouxe responsabilidade. Tive de viver e ser o meu pai em Lisboa. Tive de ganhar responsabilidade, mesmo não querendo. De outra forma, não sobreviveria.

Como foi o período de adaptação a uma nova realidade?

Consegui adaptar-me facilmente. No que se refere ao clima não foi fácil, por causa do frio, no inverno, em Portugal. Muitos dos meus amigos foram e voltaram. Houve momentos tristes. Quando fui para Portugal nunca me disseram que seria difícil. Chorei e houve momentos em que a minha vontade era a de voltar para Moçambique, mas decidi ficar e ver se dará certo.

Que motivos te fazem querer ficar em Portugal?

A ambição levou-me a querer ficar. Hoje estou a gostar e sei que temos de passar pelas tempestades para crescer. Quis ir para Portugal por vontade própria e por ter a minha namorada lá. As oportunidades que posso ter na Europa fazem-me querer ficar. Se voltasse atrás, talvez fosse para a Cidade do Cabo, na África do Sul.

O que para ti teve mais impacto na transição do “secundário” para o ensino superior?

A exigência, pois em Portugal o ensino é melhor. Cá, na Escola Portuguesa, apesar de nos prepararem bem em termos de conteúdos, os professores estão muito “em cima de nós” e na faculdade isso não acontece, temos de ser autónomos. Aos alunos finalistas aconselho a prepararem-se para a vida. A faculdade não vai ser fácil e se queremos atingir os nossos objetivos temos de dar muito de nós. Aconselho os alunos a prepararem-se para o mundo real.

Que conselhos dás aos professores da EPM-CELP?

Hoje em dia os professores explicam da mesma maneira a todos os alunos. Nem todos percebem da mesma forma. Os professores têm de estar abertos a diferentes maneiras de explicar as matérias aos alunos. Eu, por exemplo, não sou muito de teoria e penso que os professores deviam investir mais na prática do que na teoria. Em Portugal não estava habituado a trabalhar em grupo. Sabia a teoria, mas faltava-me a componente prática. Temos pouca prática no «secundário» e chegamos à faculdade à toa. A Escola Portuguesa devia incentivar os alunos a trabalhar mais em grupo.

Quais são as principais vantagens e desvantagens de se estar num país diferente da terra natal?

O que eu mais desenvolvi foi a capacidade de me desenrascar, de ver novas realidades, novos negócios e lojas completamente diferentes. Fez-me ter mais vontade de fazer as coisas. Há muita diversidade em Lisboa. Estar longe da família é o mais complicado. As pessoas perdem-se. No início senti-me um pouco mal por não estar perto da família. Não é fácil ter de cozinhar e lim-

par a casa, por exemplo. Com a chegada do meu irmão, que reside comigo e está a estudar no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, tudo se tornou mais fácil.

Quem são os teus amigos?

Alguns amigos foram comigo, mas a maior parte são de fora da escola. Já tinha alguns amigos em Moçambique, tenho outros em Portugal, mas lá ando mais com os de cá, de Moçambique.

Esta foi a tua primeira vez na Europa e em Portugal?

Não. Já fui a Portugal de férias e costumava ir sempre no Verão, desde 2012. Escolhi Portugal pela língua, pela namorada e sempre gostei de Portugal. Sempre que ia lá de férias gostei e pensei que fosse igual nos estudos, mas enganei-me: o nível de exigência é muito grande.

Quais são as principais diferenças entre África e Europa?

A Europa está muito evoluída a todos os níveis. Além de Portugal, já estive em Madrid em novembro e dezembro de 2016 e em Amesterdão, de férias, em 2016. Quero viajar mais, claro.

Do que mais gostas em Portugal?

Gosto dos festivais de música, gosto da diversidade da gastronomia portuguesa e da rede de transportes públicos que está bem organizada. Em Moçambique só há o chapa, que é muito desorganizado, e os táxis.

Do que menos gostas em Portugal?

Culturalmente as pessoas em Portugal são mais frias do que em Moçambique. São pouco faladoras, o que não é “maningue nice”.

Do que mais sentes falta de Moçambique?

Dos amigos, da família, do clima quente... e do povo em geral, porque há mais solidariedade em Moçambique, onde a vida é muito mais relaxada do que em Portugal.

A EPM-CELP deu-te uma boa preparação para estudares em Portugal?

Comparando com uma escola moçambicana estou muito bem preparado, mas podia ter saído daqui melhor ainda se tivesse tido mais trabalhos de grupo, por exemplo.

Como foi a tua adaptação académica?

Foi muito exigente no início porque foi difícil perceber as pessoas e houve muitos trabalhos num curto espaço de tempo.

Se voltasses atrás voltavas a escolher Portugal? Porquê?

Não sei, se por um lado gostava de ficar lá, por outro gostaria de experimentar viver ou

trabalhar noutros países. Gostaria de fazer mestrado ou na Cidade do Cabo, que é muito bonita, ou em Barcelona.

Só falta um ano para terminares a licenciatura. Tencionas estudar e voltar para casa ou ficar a trabalhar na Europa?

Ficar a trabalhar na Europa. Quero voltar para África, mas pretendo ficar em Portugal por um tempo, mais ou menos quatro ou cinco anos a trabalhar e fazer mestrado em Portugal ou num outro país da Europa.

Foi a primeira vez que saíste de casa fora do contexto de férias? Foi fácil?

Foi. Na minha faculdade tive a sorte de me cruzar com pessoas acolhedoras, conhecer gente nas praxes e obter conhecimentos práticos na faculdade. Fazer ou não um bom trabalho depende única e exclusivamente de mim e não da escola. Sinto que vou bem preparado para o mercado de trabalho.

Descreve Portugal numa só palavra.

Diversidade. Conheço Lisboa, Porto e Algarve. Portugal é um país muito diversificado.

Qual é o teu lema de vida?

Tudo depende de nós.

Para ti quais foram os professores mais marcantes da EPM-CELP?

As professoras que mais marcaram o meu percurso na EPM-CELP foram Ana Besteiro, que foi minha coordenadora do “secundário”, Margarida Vaz, que foi minha professora de Geografia e coordenadora e Luísa Quaresma, também coordenadora.

Que planos tens no médio-longo prazo?

No início queria só fazer a licenciatura e voltar a Moçambique. Agora penso em ficar pela Europa e é por isso que já não faço planos a longo prazo.

Quais são as vantagens de emigrar?

Viajar alarga os conhecimentos, a forma de ver a vida altera-se, aprende-se novas culturas, formas de pensar e enche o nosso “barco”. Posso ter um leque diversificado de oportunidades e, depois, trazer conhecimentos para Moçambique.

Foste com alguma ideia preconcebida acerca de Portugal?

Os meus amigos diziam que Portugal era só festa. O único problema é o frio, mas, por outro lado, fico mais calmo com o frio, o que é favorável à concentração nos estudos [risos].



DESTAQUE

Primeiro e quarto lugares para alunos da EPM-CELP no 'SuperTmatik'



Os alunos Simão Coutinho da turma B do sétimo ano e Sofia Amado da E do oitavo do ensino básico da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) conquistaram, respetivamente, o primeiro e o quarto lugares da final nacional de Portugal do concurso 'SuperTmatik' de Ciências Naturais. Neste ano letivo que agora finda foi a primeira vez que, na fase de escola, todas as 12 turmas do sétimo e oitavo anos da nossa Escola participaram nesta competição científica.

O 'SuperTmatik' é um concurso que promove, de forma lúdica, a literacia científica e o interesse pelas ciências. É uma competição cujo principal objetivo é levar os alunos a aplicarem conhecimentos adquiridos nas disciplinas de Ciências Naturais e de Matemática.

O concurso iniciou-se no segundo período letivo, durante o qual foram apurados, em cada turma, um campeão e um vice-campeão. Seguiu-se a final ao nível da escola, na primeira quinzena de maio, que definiu os finalistas que representaram a nossa Escola na final *online*.

De acordo com Sandra Antunes, professora de Ciências Naturais da EPM-CELP, o 'SuperTmatik' foi muito bem acolhido pelos alunos pois, acrescentou, "mesmo os alunos menos envolvidos com as ciências sentiram-se motivados para a atividade", explicando que "todos ficam a ganhar com a iniciativa porque é um jogo que acaba por dar oportunidade a todos os alunos".

Promovido já há vários anos na EPM-CELP, com sucesso, o 'SuperTmatik' poderá, no futuro, vir a ser alargado a outros níveis de ensino.



Inventar brinquedos é aprender ciência

Brinquedos científicos fabricados por alunos do terceiro ciclo foram expostos no átrio central da nossa Escola e estiveram em competição na sua apresentação à comunidade educativa, no Auditório Carlos Paredes, no passado dia 1 de junho, Dia da Criança. Bruna Chaves (9.º E), Kevin Paresh (8.º B) e Mateus Spencer (9.º C) foram os alunos vencedores do concurso para o qual foram selecionados 20 trabalhos.

Entre os critérios de avaliação dos brinquedos concebidos e produzidos pelos alunos constaram os da construção do brinquedo, os espíritos científico e investigativo, a criatividade e o funcionamento. "Um bom trabalho não envolve, obrigatoriamente, complexidade", referiu Sónia Pereira, professora coordenadora do projeto «Mãos na Ciência», promotor do evento em parceria com o grupo disciplinar de Físico-Química. "Tivemos, também, a colaboração dos professores de Português na componente oral para avaliarmos igualmente a capacidade de explicação científica de cada aluno", esclareceu Sónia Pereira.

O projeto dos brinquedos científicos teve início no ano letivo de 2012/2013, impulsionado por Helena Correia, então coordenadora do projeto «Mãos na Ciência», e tem como objetivo fazer com que os alunos saiam do contexto fechado das aprendizagens em sala de aula. Desta forma, podem expandir as suas descobertas, criatividade e sentido de curiosidade e exploração, com recurso aos ensinamentos de vários ramos da ciência, realizando trabalhos práticos em ambiente autónomo de partilha com, por exemplo, familiares ou colaboradores, como eletricitistas, serralheiros, canalizado-

res e informáticos, nomeadamente. "Sempre incentivámos os alunos a procurarem ajuda de forma a que o brinquedo seja um projeto não só deles, mas sim liderado por eles", informou Sónia Pereira, para quem a produção do brinquedo científico "não é um trabalho individual, mas, acima de tudo, de equipa e multidisciplinar".

De carácter obrigatório para os alunos do sétimo e oitavo anos do ensino básico, o projeto dos brinquedos científicos foi também aberto aos estudantes interessados do nono ano. Os trabalhos produzidos estiveram em exposição no átrio central da nossa Escola e não só disponíveis para visualização, mas também para experimentação por todos os interessados e curiosos.

Os três brinquedos apurados vencedores na etapa competitiva do projeto, realizada no Auditório Carlos Paredes, foram o "Corta Esferovite", de Bruna Chaves, o "Microscópio", de Kevin Paresh, e "Solenoide", de Mateus Spencer.

"Houve sempre encarregados de educação e alunos a tentarem perceber como funcionavam os brinquedos, tendo a exposição suscitado o interesse e a curiosidade de toda a comunidade educativa", destacou Sónia Pereira, quando se referiu ao balanço da exposição, explicando que para a mesma foram "selecionados os trabalhos mais práticos que podem ser experimentados, isto é, mais simples em termos de manuseamento".

De acordo com a organização, o evento teve uma forte adesão por parte dos alunos e dos encarregados de educação pelo que se mantém a intenção de o voltar a realizar no próximo ano letivo.

Laboratório de física servido à mesa

Os alunos da turma E do nono ano do ensino básico da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) montaram um laboratório de física experimental na Escola Secundária Estrela Vermelha, com recurso a materiais recicláveis. No final da visita, realizada a 5 de junho, depois de demonstrarem e explicarem o funcionamento de cada uma das “engenhocas”, doaram a exposição à escola moçambicana.

Foram 18 os alunos que expuseram 15 experiências, construídas na disciplina de Educação para a Cidadania, mas inspiradas na exposição «Física no dia-a-dia», em permanência na nossa Escola, a qual associa fenómenos do quotidiano a fundamentos da Física, como luz e visão, som e audição, forças, eletricidade, densidade e pressão. “Tendo como objetivo a permanência da exposição, cada aluno responsabilizou-se por uma experiência, tendo por base a utilização de materiais recicláveis e de fácil substituição”, explicou Sónia Pereira, professora da disciplina de Físico-Química daquela turma e coordenadora do projeto «Mãos na Ciência» na EPM-CELP.

A doação dos materiais utilizados e expostos nesta iniciativa à Escola Secundária Estrela Vermelha pretende facilitar as aprendizagens práticas e experimentais dos seus alunos de modo a aproximar a Física das suas experiências do quotidiano, sendo objetivo da EPM-CELP “replicar o modelo em outras escolas moçambicanas”, revelou Sónia Pereira.

O balanço da visita dos nossos alunos à escola moçambicana foi bastante positivo, considerou Sónia Pereira, pois reparou que “os alunos da EPM-CELP envolveram-se no projeto e conseguiram explicar aos colegas como funcionavam as



experiências”, afirmou, acrescentando que “o entusiasmo dos professores e alunos da Escola Secundária Estrela Vermelha foi um claro sinal de que este tipo de projetos é humanamente enriquecedor e impulsionador da ciência para quem os faz e para quem os recebe.”

Na cerimónia de entrega da exposição experimental participaram o conselheiro para a Cooperação da Embaixada de Portugal em Moçambique, Miguel Girão, o representante da Direção de Planificação e Cooperação do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH) de Moçambique, Armando Sambo, e o diretor da Escola Secundária Estrela Vermelha, Gilberto Reis.

Miguel Girão falou da importância do estabelecimento de relações de cooperação entre as instituições portuguesas e moçambicanas, as quais podem, na sua opinião, alcançar objetivos comuns, desta-

cando, ainda, a necessidade de preservar os materiais entregues pela EPM-CELP para que sejam utilizados por outros alunos. Já Armando Sambo, do MINEDH, reconhecendo a ligação de grande parte da vida diária à Física, afirmou que “ao adquirirmos novos conhecimentos através da física tornamos a nossa vida mais fácil”, concluindo que o objetivo da iniciativa é “reforçar o gosto pela Física a cada dia que passa”, pelo que é importante “manter uma cooperação ligada ao desenvolvimento”, acrescentou.

Por fim, ao diretor da Escola Secundária Estrela Vermelha, Gilberto Reis, não passou despercebida “a aula diferente que ocorreu de aluno para aluno e não de professor para aluno”, destacando a capacidade dos alunos promotores da iniciativa no quadro da cooperação estabelecida entre a EPM-CELP e o estabelecimento de ensino que dirige.

Água foi vedeta de teatro e centro de experiências

Sensibilizar para a importância da existência e escassez da água, as propriedades que a tornam especial e para a necessidade da sua boa utilização foram os principais objetivos das atividades que envolveram, a 22 de março, Dia Mundial da Água, os alunos dos primeiro e segundo ciclos da EPM-CELP e da Escola Primária de Maguiguana.

Duas turmas do quinto ano deslocaram-se à Escola Primária da Maguiguana, em Maputo, onde ouviram conselhos sobre a boa utilização da água e assistiram a uma peça de teatro alusiva à celebração do Dia Mundial da Água, que se assinala desde 1992. Isabel Mota, do projeto “Mabuko Ya Hina” que estabeleceu a “ponte”



entre a EPM-CELP e a escola de Maguiguana, fez um balanço positivo da iniciativa: “os miúdos ficaram sensibilizados para a falta de água, não só pela sua escassez, mas também por todos os problemas de saúde que da sua inexistência podem advir”.

No nosso recinto, os alunos do primeiro ciclo desenvolveram atividades relacionadas com a água, visualizando uma exposição, participando em debates, fazendo experiências com o precioso líquido e utilizando um simulador do ciclo de água, num programa que também acolheu momentos musicais. A dinamização desta atividade foi da responsabilidade do projeto “Mãos na Ciência”, com a participação do Departamento de Expressões.

TEATRO



“Do amor à cor” mostrou a força do poder e desigualdade

‘Do amor à cor – duas histórias sobre poder e rancor’ foi o tema do exercício final dos alunos do grupo de teatro “Artes do Palco” da EPM-CELP que atuaram no Auditório Carlos Paredes, no passado dia 8 de junho. A peça, com aproximadamente 30 minutos de duração, teve como pano de fundo a temática do poder, dinheiro, desigualdade e discriminação racial a partir de duas histórias escritas e adaptadas pelos próprios alunos-atores.

Liderado por Rita Couto, o grupo, composto por alunos do nono e 11.º anos, nasceu em março último com o objetivo de permitir que os jovens desenvolvam talentos fora do contexto de sala de aula, competências de cidadania e vejam o teatro como forma culta de expressão. “Pretendemos que seja um processo colaborativo, de forma a existir uma troca entre mim e os alunos através de uma linguagem cênica e narrativa”, esclareceu Rita Couto, acrescentando que a peça ‘Do amor à cor – duas histórias sobre poder e rancor’ não é uma cena “pronta e finalizada, mas sim algo que ainda está em processo de desenvolvimento”.

São seis os elementos do grupo que agrega teatro, dança e outras expressões artísticas num só espetáculo: Tatiana Magaia (11.º B), Roda Nhangava (9.º D), Cons-

tância Zacarias (11.º C), Helena Costa (9.º D), Helena Langa (11.º A2) e Manuel Guimarães (9.º E).

Para Tatiana Magaia, que sempre gostou de teatro e música, a experiência foi boa para “ficar a conhecer mais pessoas com os mesmos gostos”, enquanto para Constância Zacarias a motivação foi querer “ver o que era estar no palco”, já que muitas vezes esteve no lado do público. Já para Helena Costa foi uma oportunidade para “sentir o cheirinho da área que quero seguir na faculdade”, acreditando que o seu futuro vai passar pelas artes. Por sua vez, Helena Langa descobriu o seu lado de atriz que desconhecia: “foi muito bom porque me ajudou a aprofundar os conhecimentos sobre arte e a expressar o que eu sou”. Manuel Guimarães declarou que a experiência lhe permitiu “conhecer melhor tudo o que está relacionado com o teatro, não só em cima do palco como também nos bastidores”. Por fim, Roda Nhangave simplesmente disse: “gostei e valeu a pena”.

A ambição do projeto ‘Artes do Palco’ é replicar a atividade no próximo ano letivo 2017/2018, sendo ideia de Rita Couto deixar, desde já, “a semente para que outras pessoas venham a dinamizar a atividade” caso não prossiga na liderança do grupo estudantil de teatro.

Improviso teatral surpreendeu a comunidade escolar

As pessoas que almoçaram na sala dos professores da EPM-CELP, no dia 31 de março, foram surpreendidas por uma dramatização de duas alunas da turma E do oitavo ano. Sob orientação do professor e encenador Rogério Manjate, as alunas de teatro apresentaram professores e estudantes com ‘A Lição’, de Eugène Ionesco, iniciativa que serviu para assinalar o Dia Mundial do Teatro, celebrado dias antes, a 27 de março.

Depois da ‘lição’ de aritmética, da qual o encenador fez um balanço muito positivo, pretende-se dar continuidade aos momentos de improviso. “Espero continuar no próximo período escolar. Foi tudo muito surpreendente”, disse Rogério Manjate, acrescentando ter ficado “maravilhado com a atuação das alunas, que aceitaram o desafio no final de fevereiro”.

A seleção das alunas não surgiu ao acaso. Depois de ouvir e de observar várias atuações durante as aulas de teatro escolheu as alunas a quem reconheceu maior potencial: Sofia Amado e Margarida Marta. Hoje as alunas saíram da sala de aula e não se restringiram à sala de professores: também os colegas das turmas D e E do mesmo ano e os da turma E do nono foram presenteados com atuações durante a tarde.

“A minha forma de estar não é fazer encenações nem teatros, mas sim de compreender o indivíduo; experimentar fazendo, muito em ambiente de sala de aulas”, frisou Rogério Manjate acerca do seu monólogo adaptado da obra “Na Solidão dos Campos de Algodão”, de Bernard-Marie Koltès.



Filme ‘Le Ballon Rouge’ alertou para o respeito pela diferença



Os alunos dos primeiro e segundo anos de escolaridade da EPM-CELP assistiram ao filme francês “Le Ballon Rouge”, no Auditório Carlos Paredes no dia 29 de março. A iniciativa da Equipa do Plano Nacional de Cinema (PNC) da nossa Escola quis alertar os alunos mais novos para a necessidade de respeitar a diferença entre os indivíduos.

A ação da curta-metragem, escrita e dirigida por Albert Lamorisse e lançada em França a 19 de outubro de 1956, ocorre no bairro Ménilmontant, em Paris, em 1950, e retrata as aventuras de um menino, interpretado por Pascal, filho de Albert Lamorisse, que trava amizade com um balão vermelho com vida própria. Assim começa uma história de um balão e um menino nas ruas de Paris, onde os ciúmes de um grupo de crianças por aquela amizade levam o enredo do filme a um fim trágico e mágico. “Le ballon Rouge” ganhou, no mesmo ano de lançamento, a Palma de Ouro do Festival de Cannes para a melhor curta-metragem, o primeiro de muitos outros prémios internacionais que a película veio a receber.

Para o visionamento do filme os alunos fizeram-se acompanhar dos seus objetos de estimação para “entenderam que, assim

como têm um objeto sentimental que não querem ver estragado, deve respeitar-se os gostos das outras pessoas e a diferença”, como explicou Kátia Borges, professora representante do segundo ano de escolaridade, que fez um balanço positivo da atividade.

Benedita Macedo foi uma das alunas que, no fim da exibição, apresentou o seu brinquedo. A boneca que a avó trouxe do Brasil, antes de ela nascer, tem um valor sentimental porque foi dado por uma pessoa importante. Também o João disse que o ratinho de peluche o ajudava a sentir-se melhor quando tinha de dormir à noite ou quando ficava doente, simbolizando “a forma de comunicar com os pais”.

Luísa Quaresma, da Equipa do PNC da nossa Escola, esclareceu que o programa de exibição do filme “Le ballon rouge” teve início nas salas de aula e continuou no auditório, pretendendo-se “que os alunos trouxessem um objeto com o qual sentissem afinidade e, depois, o relacionassem com o filme”, disse. Adiantou que o PNC pretende cobrir todos os anos de escolaridade com o objetivo de trabalhar os temas filmicos em contexto de sala de aula.

Chidenguele uniu alunos da EPM-CELP e do “Marítimo”

Catorze alunos da turma A do sexto ano do ensino básico da EPM-CELP e 17 atletas do Clube Marítimo de Desportos, residentes no Bairro Triunfo, passaram juntos o último fim de semana, de 23 a 26 de junho, em Chidenguele, distrito de Majancaze, província de Gaza, onde fizeram atividades de cooperação e de cariz desportivo, com uma forte componente de exploração da natureza.

Promover e consolidar competências sócio-emocionais e de cidadania, trabalhadas ao longo do segundo ciclo de escolaridade, foi o principal objetivo da jornada de convívio que se realizou nas instalações do Clube Marítimo de Desportos em Chidenguele. Foi o culminar de um programa desenvolvido neste mês de junho, cujo início ocorreu no dia 10, quando os alunos da EPM-CELP se deslocaram ao recinto da sede do clube em Maputo para assistirem, nomeadamente, às atividades de vela e de canoagem dos seus atletas que, no dia 17, retribuíram com uma visita à nossa Escola.

“Propusemos ao Marítimo fazer uma parceria entre o trabalho que desenvolvem e a Escola Portuguesa, juntando os nossos alunos e os atletas deles”, esclareceu Nuno Antunes, diretor de turma do «6.º A» e mentor da iniciativa em parceria com os Serviços de Psicologia e Orientação da EPM-CELP. A opção por Chidenguele para última



jornada do programa prendeu-se, de acordo com Nuno Antunes, com a possibilidade de maior contacto com a natureza. Apesar de considerar “extremamente positiva e com uma forte adesão dos pais e dos alunos” a deslocação a Chidenguele, Nuno Antunes confessou que o planeamento das atividades podia ter sido feito de forma diferente se tivesse havido uma visita prévia às instalações do clube naquela vila do distrito de Majancaze.

Alunos submeteram medidas à “ONU”



Alunos do ensino secundário da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), da Escola Internacional Americana de Moçambique (AISM), da Escola Internacional de Maputo e da Escola Trichard participaram numa simulada Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). A sessão, que durou mais de seis horas, ocorreu a 20 de maio, nas instalações da AISM, promotora do evento.

No debate, realizado exclusivamente em língua inglesa, os alunos experimentaram os diferentes papéis que os membros da Assembleia-Geral da ONU assumem no esforço de fazer aprovar medidas: patrocinador, subscritor-redator e o principal subscritor. A pena de morte, a mutilação genital feminina e o empoderamento das mulheres foram os assuntos em debate.

Numa fase inicial, os alunos estudaram as políticas interna e externa dos países que lhes foram atribuídas tarefas de representatividade para, depois, apresentarem propostas de resolução a submeter à Assembleia-Geral da ONU.

“A ideia foi fazer os estudantes perceber como é que a ONU funciona e quais as relações existentes entre os países que fazem parte da instituição”, explicou João Lourenço, coordenador do ensino secundário da EPM-CELP, aludindo ao caráter prático da iniciativa a partir dos conhecimentos teóricos adquiridos. Adiantou que a ideia surgiu através de um contacto informal entre a coordenadora do módulo de ensino «United Nations», proposto pela própria ONU, na AISM e o professor de Educação Física da EPM-CELP Nuno Antunes, no decorrer de uma atividade de desporto escolar.

João Lourenço foi o dinamizador da preparação prévia dos alunos da EPM-CELP para a participação na sessão simulada de uma Assembleia-Geral da ONU.

No que se refere ao balanço da participação no evento dos alunos da EPM-CELP, João Lourenço afirmou que “foi um sucesso, os miúdos adoraram e as quatro escolas vão continuar a cooperar”, estando já acordado que a próxima edição será realizada na EPM-CELP, alargando-se a participação aos alunos finalistas do 12.º ano.

Em representação da EPM-CELP participaram na sessão alunos dos 10.º e 11.º anos: Cláudio Guerra, Maria Canastro, Aliyah Bhikhá, Ranya Jumá, Margarida Dray, Nadine Santos, Keval Ramniclal, Matilde Couto, Olivia Rocha, Chelsia Loforte, Joana Chung e Isabel Barbosa.

Festival «Escolas com Livros» entregou prémios 2016

Acerimónia de entrega dos prémios às escolas vencedoras do Festival «Escola com Livros 2016» realizou a 30 de maio no Centro de Documentação do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano (MINEDH). A festa marcou, como é habitual desde 2011, o encerramento do ano letivo das escolas do sistema de ensino público moçambicano.

O primeiro prémio foi atribuído à Escola Primária Completa Imaculada, que recebeu um computador, uma impressora e um modem. Uma fotocopiadora multifunções foi entregue à Escola Comunitária Netwananu pela conquista do segundo lugar e um conjunto de instrumentos musicais à Escola Comunitária 4 de Outubro pelo terceiro lugar.

A cerimónia começou com as palavras de boas vindas da diretora do Centro de Documentação do MINEDH, Constância Cuambe, logo seguidas dos discursos da diretora Nacional do Ensino Primário, Gina Guibunda, e de Dina Trigo de Mira, diretora da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP). Todas foram unânimes no agra-

decimento e reconhecimento do empenho das escolas do projeto «Mabuko Ya Hina», liderado pela EPM-CELP.

Seguiram-se as intervenções de Armando Sambo e de Constância Xerinda, responsável pela área da Cooperação e técnico superior do MINEDH, respetivamente, que reforçaram o interesse em continuar e fortalecer os laços de cooperação entre os governos de Moçambique e de Portugal, no domínio da promoção da leitura e da língua portuguesa.

A coordenadora do projeto «Mabuko Ya Hina», Ana Albasini, também forneceu a todos os presentes uma pequena explicação sobre a dinâmica atual da iniciativa, após o que se deu início à cerimónia de entrega dos prémios aos vencedores do Festival «Escolas com Livros 2016», ilustrada com uma apresentação multimédia sobre a participação das várias escolas no evento.

Assistiram à cerimónia os diretores e os professores dinamizadores da leitura das escolas associadas ao projeto «Mabuko Ya Hina», bem como a docente Isabel Mota e a colaboradora Filipa Pais, da equipa do referido projeto.

Aprender a dar na Escolinha Solidária

Alunos da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) visitaram a Escolinha Solidária da Plataforma Makobo, no Bairro dos Pescadores da Costa do Sol, em Maputo, onde, no passado dia 23 de maio, ensinaram meninos a ler e escrever e ofereceram dois quadros de giz, três pacotes de material didático e 25 mochilas.

O projeto de solidariedade é desenvolvido pelas turmas F do sétimo ano e C do décimo da EPM-CELP e coordenado pelas respetivas diretoras Carla Viveiros e Margarida Vasconcelos, com a colaboração do coordenador do terceiro ciclo do ensino básico, João Paulo Videira. Na Escolinha Solidária, os nossos alunos do “7.º F” ajudaram a ensinar os meninos a ler e a escrever com gestos simples de partilha e de solidariedade, conferindo à iniciativa de interação escolar uma enorme riqueza humana e social e um caráter cívico genuíno e autêntico.



A Escolinha Solidária da Plataforma Makobo, que atualmente conta com 140 alunos, não aceita donativos pecuniários, funciona com base no voluntariado e concentra a sua ação educativa no ensino da língua portuguesa. Necessita, neste momento, de iniciativas voluntárias que lhe permitam alargar o atual período de funcionamento de dois dias por semana (terças e quintas-feiras) para continuar a melhorar a ortografia e a oralidade de alunos até à oitava classe das escolas públicas dos bairros periféricos da cidade de Maputo.

Simultaneamente, a Escolinha Solidária procura melhorar a condição nutricional das crianças e promover uma educação de cuidados primários de saúde. É, também, um espaço de ocupação educativa dos tempos livres das crianças e de resgate de valores tradicionais ligados à família e à comunidade.

A Plataforma Makobo desenvolve, para além da Escolinha Solidária, os programas “A sopa solidária”, “O parquinho solidário”, “Doe uma hora por um sorriso” e “O artesanato solidário”.

Viagem aos Libombos inspirou alunos a dar o que são

Contributos de todos os ciclos de estudos, desde o ensino pré-escolar ao secundário, passando pelos dos professores e funcionários, encheram 32 caixas de papelão de brinquedos, material escolar, alguma roupa e calçado que já foram entregues à Escola Primária Completa da Barragem dos Pequenos Libombos. Foi o resultado da campanha solidária organizada e desenvolvida pelo Núcleo de Educação Especial da EPM-CELP durante o passado mês de junho.

A ideia da campanha surgiu no âmbito do Campo de Férias da Unidade de Ensino Estruturado da EPM-CELP e teve como objetivo principal o desenvolvimento de um espírito e prática social de solidariedade entre os alunos da nossa Escola. O propósito foi não só atingido como também, segundo os organizadores, largamente superado.

De entre os contributos registados, destaque para o da funcionária Ana Nogueira que, desde o primeiro dia, se envolveu de corpo e alma neste projeto e para o dos alunos da turma A1 do 10.º ano de escolaridade, “autores” de mais de 10 mil meticais destinados à compra de material escolar novo.

No terreno, ou seja, no Campo de Férias, realizado nos últimos dias de junho e primeiros de julho, foi com bastante alegria e entusiasmo que, em nome de toda a comunidade escolar da EPM-CELP, os alunos da Unidade de Ensino Estruturado distribuíram todos os materiais pelos seus colegas da Escola Primária Completa da Barragem dos Pequenos Libombos. Foi, conforme testemunhos dos adultos que estiveram presentes, um momento muito comovente presenciar a felicidade estampada no rosto de quem dava e de quem recebia. Mais do que dar o que tinham, os alunos da EPM-CELP deram o que são.



O mundo cabe dentro da Escola

CIDADANIA



Direitos humanos no palco da cidadania

Direitos humanos, sociais e ambientais foram a temática da palestra proferida, a 22 de março, por Erica Mendes, antiga aluna da nossa Escola, no Auditório Carlos Paredes perante uma plateia constituída por alunos do 11.º ano do ensino secundário da EPM-CELP. A iniciativa partiu das professoras Olga Pires e Ana Besteiro no âmbito da disciplina de Educação para a Cidadania.

A palestra teve o intuito de despertar nos alunos o sentido de cidadania ativa, informada e responsável, bem como fornecer-lhes “luzes” sobre saídas profissionais na área dos direitos humanos.

Os alunos foram confrontados com vários exemplos de oportunidades de intervenção social para a mudança, como é o caso, designadamente, do projeto em desenvolvimento junto das comunidades reunidas em torno da atividade das grandes mineradoras sediadas em Tete ou a ação promovida pelo Tribunal Permanente dos Povos da África Austral, bem como o movimento global que exige à ONU uma regulamentação internacional de carácter obrigatório para as corporações multinacionais que violem os Direitos Humanos.

GEOPOLÍTICA

As relações de Moçambique com a União Europeia



O Auditório Carlos Paredes da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) foi palco da palestra “Integração Económica Europeia”, a 11 de maio. Organizada pelo grupo disciplinar de Economia/Geografia, a sessão foi liderada pelo chefe da Secção Política, Imprensa e Informação da delegação da UE em Moçambique, Stergios Varvaroussis, e dirigiu-se aos alunos dos 10.º e 11.º anos da nossa Escola.

Questões como a importância da Europa, que celebrou o 60.º aniversário a 9 de maio, o alargamento do espaço europeu ao longo dos anos, o euro e a afirmação externa da UE e a influência específica desta organização em Moçambique marcaram o programa da sessão.

Os desafios atuais no mundo e a forma como a UE tem estado a ajudar o continente africano foi tema abordado de forma particular por Stergios Varvaroussis, que revelou ser Moçambique o segundo país africano para o qual se destinam o envio de receitas da EU, sendo precedido pela Etiópia.

CIÊNCIA



Imagens do cérebro deslumbram plateia

«O cérebro através da imagem» foi a palestra proferida pelo cientista português Mário Forjaz Secca, professor associado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, dirigida a alunos dos nono, 10.º e 11.º anos de escolaridade da nossa Escola, a 5 de junho, no Auditório Carlos Paredes.

A base biológica e funcional da consciência e a forma como as memórias são arquivadas e recuperadas foram etapas temáticas percorridas por Mário Secca para levar os alunos a entenderem e descobrir o funcionamento geral do cérebro. Lembrou o orador convidado, «reincidente» na visitas à nossa Escola, a forte contribuição da imagem médica para as investigações científicas atuais.

Mário Forjaz Secca nasceu em 1957 em Moçambique, onde viveu até aos 17 anos e adquiriu, em primeiro lugar, gosto pela poesia e filosofia. Tornou-se cientista em Inglaterra, onde estudou Física, mas nunca deixou de ler e escrever poesia – publicou em 2015 o livro «A Criação da Memória» - enquanto viajou pelo mundo.

PSICOLOGIA

Rui Melo “descomplica” inquietações da adolescência



Descomplicar as inquietações da adolescência foi mote para a conversa informal entre alunos do ensino secundário da EPM-CELP e Rui Melo, autor do livro “O Poder dos Adolescentes”. O evento teve lugar na sexta-feira, 3 de março, no Auditório Carlos Paredes.

Identificar as principais inquietações da adolescência e estimular a descoberta do poder das escolhas e da força do sentir foram as principais “provocações” de Rui Melo, suscitando a partilha de ideias, sentimentos e emoções associados à busca incessante do bem-estar.

O poder dos jovens foi o ponto de partida para a conversa. “Os jovens são muito fortes porque acreditam que tudo é possível”, disse Rui Melo a propósito da “escolha da atitude correta da geração nómada”, que, adiantou, sente e pensa várias coisas em simultâneo.

A iniciativa foi do Núcleo de Informação e Comunicação e do grupo disciplinar de Filosofia/Psicologia da EPM-CELP com o objetivo de dar a conhecer aos jovens a proposta de auxílio contida no livro do autor convidado para a interpretação e descodificação das turbulências da adolescência.



As artes que moram em Maputo

«(Re)conhecer as linguagens artísticas de Maputo» foi o ciclo de três palestras que desafiou a observação e atenção dos alunos da EPM-CELP para a deteção e interpretação da tendência arquitetónica da capital moçambicana, em constante mudança. Um arquiteto, um escultor e um desenhador gráfico foram os artistas convidados a relatarem as suas experiências ou perceções para ajudarem os alunos a perceber sinais da contemporaneidade da cidade que os acolhe. Foi uma iniciativa conjunta dos grupos disciplinares de Educação Visual e Tecnológica e de História.

«A arquitetura como expressão de uma cidade» foi o tema da primeira palestra do ciclo e teve lugar nos dias 27 de fevereiro, 2 e 6 de março, no Auditório Carlos Paredes, onde Henrique Castro Amaro, responsável pela projecção do novo edifício-sede do Banco de Moçambique, partilhou com os alunos do nono, 10.º, 11.º e 12.º A2 e C a sua visão arquitetónica da cidade capital de Moçambique.

Henrique Castro Amaro abordou a arquitetura como expressão artística de uma cidade e os desafios que se colocam ao criador na conciliação entre as suas ideias e projetos e os constrangimentos que condicionam a sua ação, uma vez que “a arquitetura destina-se ao ser humano”, afirmou.

«A escultura como expressão da matéria» foi o tema abordado pelo escultor Titos Pelembe na palestra dirigida aos alunos dos cursos de Humanidades e de Artes do ensino secundário e também aos interessados do nono ano do ensino básico, no dia 5 de junho.

Cristina Viana, professora de História, fez um balanço positivo da iniciativa, afirmando que “deve obedecer ao formato experimentado: público-alvo bem

definido, de acordo com os interesses pessoais e académicos, e ambiente intimista favorável à interação permanente entre artista plástico e alunos”.

A terceira palestra do ciclo «(Re) conhecer as linguagens artísticas de Maputo» levou a debate o «Design, o sentir das formas». A conversa realizou-se na Biblioteca Escolar José Craveirinha a 13 de junho.

O professor da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, Jorge de Carvalho, partilhou com os alunos a sua experiência enquanto *designer* de comunicação. A reflexão teve como pano de fundo a forma como a arte consegue ou pode potenciar o desenvolvimento económico de um país. Entre diversas questões técnicas, lembrou a necessidade de se conhecer bem o objeto a desenhar, bem como a mensagem que se quer transmitir, adaptando-a a um público-alvo específico. O debate suscitado levou à consideração de que o *design* ajuda a criar soluções para os problemas e de que a arte surge do nada.

O ciclo de palestras ofereceu momentos enriquecedores para os alunos e professores, por via da interação entre oradores e todos os participantes.



“A arquitetura como expressão de uma cidade”



“A escultura como expressão da matéria”



“Design, o sentir das formas”

BAILE DE FINALISTAS

EPM-CELP | 2016/2017



Promover encontro de culturas anima alunos eleitos para a AE

Os membros da Lista P, vencedora das eleições para os futuros órgãos sociais da Associação de Estudantes da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), tomaram posse em cerimónia realizada no Pátio das Laranjeiras da nossa Escola, a 2 de junho. O mandato dos novos dirigentes terá início no próximo dia 1 de setembro.

A lista vencedora arrecadou mais de 50 por cento dos votos validamente expressos, tendo contabilizado 180 na contagem final do ato de votação efetuado a 29 de maio último. A lista I, segunda mais votada, obteve 117 votos, seguida da lista Alpha com 50 e, por fim, a lista X com três. Três alunos votaram em branco e houve oito votos nulos.

“Fortificar a relação alunos-direção e direção-alunos com vista a minimizar alguns problemas”, “representar os estudantes e os seus interesses”, “apresentar uma proposta de menu mais saudável na cantina da escola” e “criar atividades que promovam um contacto entre diferentes culturas” são as principais linhas de atuação defendidas pela lista eleita.

A Direção da lista P é liderada por Bruno Pais, fazendo parte das mesma vice-presidente Francisca Marques, a tesoureira Elizabeth Chiara e os vogais Luana da Silva, Lourenço Sismeiro e Júlia Panguene. Compõem a Assembleia-Geral o presidente Malindi Assubuji, a vice-presidente Carolina Fernandes e a secretária Madalena Teixeira. Do Conselho Fiscal fazem parte a presidente Cláudia Francisco, o vice-presidente António Marques e a secretária Ranya Nizar. O Departamento Desportivo é, por sua vez, liderado por Hermínia Lopes.

“Como Associação de Estudantes queremos representar os alunos da EPM-CELP da melhor maneira, começando logo no início do próximo ano letivo a integrar os alunos novos na escola”, garantiu a vice-presidente eleita Francisca Marques. Por sua vez, o presidente Bruno Pais declarou que a Associação de Estudantes vai cumprir os objetivos a que se propõe, esperando para isso que a Direção “facilite a nossa ação e nos ajude a desenvolver os nossos propósitos”.

Alunos aprenderam técnicas de suporte básico de vida

Todas as turmas do nono ano do ensino básico da EPM-CELP estiveram envolvidas na ação de formação de primeiros socorros, realizada fora da sala de aula, no passado dia 2 de junho.

Na atividade, dinamizada por docentes de Ciências Naturais, participaram, para além dos alunos, docentes de várias áreas disciplinares que, desta forma, “refrescaram” saberes e competências adquiridos em ação similar que frequentaram no passado.



A atividade decorreu com sucesso, o qual foi ilustrado pelas intervenções interessadas e entusiasmadas de todos os participantes no decorrer da ação.

A importância de conhecer os princípios básicos das medidas de suporte básico de vida, em situações de emergência, ganhou maior relevo com a realização de mais esta iniciativa, que se traduz na criação de um ambiente de segurança generalizada e solidária do espaço escolar.

«Gubuta A Thinsuna» uniu crianças à volta de jardins aromáticos



As crianças do pré-escolar da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) receberam a visita de alunos de duas escolas do sistema de ensino moçambicano para várias jornadas conjuntas dedicadas à partilha de experiências e aprendizagens científicas sobre o combate à malária.

A iniciativa prolonga a aplicação e desenvolvimento do projeto «Gubuta A Thinsuna, Evita a Malária» do pré-escolar da EPM-CELP, que conquistou o primeiro lugar do Prémio Fundação Ilídio Pinho «Ciência na Escola», no decorrer da 13.ª Mostra Nacional realizada em Portugal.

Foi neste contexto que alunos da Escola Primária Completa N'twanano e da Escola Comunitária Rainha da Paz, ambas do sistema de ensino moçambicano, interagiram com as crianças da EPM-CELP durante as manhãs de 8 e 9 de março. Ocasões que serviram para partilhar conhecimentos sobre as plantas com capacidade repelente de mosquitos, o ecossistema e o ciclo de vida daquele inseto transmissor da malária.

O programa de atividades partilhadas com os visitantes consistiu numa palestra, no Auditório Carlos Paredes, sobre o ciclo do mosquito *anopheles*, a prevenção da malária, um jogo sobre a transmissão da doença e a dança do mosquito. Depois da palestra houve lugar a um lanche partilhado, preparado pelas crianças da EPM-CELP, para além da realização de uma atividade de expressão plástica inspirada na temática do dia, possibilitando a produção de trabalhos que os alunos levaram como recordação.

As crianças visitaram o jardim de ervas aromáticas do pré-escolar da EPM-CELP

onde as crianças cultivaram cinco espécies de plantas "repelentes", cuja identificação resultou da pesquisa realizada durante o processo de implementação do projeto «Gubuta A Thinsuna».

Numa segunda etapa do intercâmbio, coube aos alunos da EPM-CELP retribuírem com uma visita às escolas parceiras, onde plantaram ervas aromáticas contra o mosquito com os colegas anfitriões. Para tal, as crianças da EPM-CELP levaram as sementes que foram utilizadas nas outras escolas, dando início ao jardim local. A realização de uma exposição de trabalhos sobre a prevenção da malária e a apresentação de uma peça de teatro foram os dois gestos de cortesia dos anfitriões.

A troca de experiências com as escolas moçambicanas encerrou com mais um encontro realizado na EPM-CELP, em junho. Do programa constou uma palestra sobre outras utilidades das ervas aromáticas, dinâmicas de trabalho com a exploração da história "A Formiga Jujo e o Professor Mosquito" e, ainda, a realização de uma pintura coletiva, para além da visita ao planetário da EPM-CELP. Por fim, a distribuição de certificados de participação na iniciativa e a

realização de um lanche coletivo, com chá de erva-príncipe e bolos com ervas aromáticas, marcaram o fim festivo.

Os alunos do ensino estruturado da EPM-CELP participaram nos diversos momentos do intercâmbio escolar, concretamente nas tarefas de cuidar das plantas e da sementeira das mesmas no jardim. Contribuíram, assim, para a divulgação do projeto «Gubuta A Thinsuna» nas escolas moçambicanas, desenvolvendo a formação pessoal e o respeito pela diferença.

Como referiu a coordenadora do pré-escolar da EPM-CELP, Alzira Reis, as crianças de ambas as escolas partilharam brincadeiras e andaram de mão dadas num ambiente animado em que foram recebidas com música, teatro e dança, embora surpreendidas com as características das escolas visitadas. No caso das crianças da EPM-CELP, Alzira Reis explicou que tiveram contacto com escolas de uma realidade diferente, pela natureza dos recursos, ilustrando do seguinte modo: "fomos semear as plantas num sítio com um monte de lixo ao qual as nossas crianças não estão habituadas. Serviu, no entanto, para sensibilizar a escola e as crianças sobre os cuidados com o ambiente."



A Carta do Meu Pai



Nuno Antunes *

Quando recebi a mensagem do editor do «O Pátio», a desafiar-me para mais uma contribuição do Departamento de Educação Física, voltei a procurar parcerias para cumprir esta nossa meta setorial. Os professores João Lourenço, João Figueiredo, Ângela Leite e eu fomos, ao longo do tempo, desenvolvendo artigos, seguindo uma linha de raciocínio clara. Começámos por falar dos desafios futuros da Educação; abordámos, depois, as particularidades da Educação Física (EF) ao responder a esses desafios; escrevemos, de seguida, sobre a ausência de oportunidades de prática desportiva no contexto onde vivemos e, por último, mostrámos as consequências destes estilos de vida através de um artigo sobre a obesidade infanto-juvenil, baseado nos resultados das medições que fizemos aos nossos alunos.

Pensei no que fazer a seguir. Tinha já um artigo montado, que falava sobre as influências neurológicas da brincadeira, da exploração livre de um contexto, quer seja este físico, emocional ou teórico. Estava a terminar a edição deste quando não resisto a procrastinar um pouco. Abro o Facebook e aparece-me uma daquelas memórias. Parece que, há cinco anos, partilhei a notícia de um jornal que publicava a carta de um professor de EF reformado. Era uma carta pessoal dirigida ao ministro da Educação que, na altura, tomava posições claramente prejudiciais à EF das nossas crianças e jovens.

A minha primeira contribuição para o «O Pátio» começava com uma citação dessa carta. Pareceu-me significativo que esta recordação aparecesse agora, no momento em que termino a minha relação profissional com a EPM-CELP. Permitam-me, então, que partilhe um excerto da carta e um excerto de mim, um desabafo pessoal de um professor e de um pai. Permitam-me que partilhe convosco A Carta do Meu Pai.

“Imagine que tenho um filho, ou V^a Ex^a tem um filho por exemplo, e questiono-me como é que o devo educar. (...) Se a genética não nos pregar nenhuma partida, uma boa alimentação, afecto, equilibrado, e um funcional enquadramento familiar, multidisciplinar, social e cultural, são aspectos fundamentais a considerar. Podemos questionar o que é um bom desenvolvimento. Este baseia-se, naturalmente, na particularidade dos estímulos. (...)”

Ora, a criança expressa-se e desenvolve-se significativamente, na sua unidade, pelo movimento. Sobe, desce, empurra, salta, cai, corre, atira, agarra, equilibra-se, etc.. Atenção, não nos vamos esquecer aqui, dos protegidos, dos ‘arrumadinhos’ que estão sempre fechados e privados, não só do convívio em interacção com o outro, mas também, de se exporem e expressarem através de actividades práticas promotoras de desenvolvimento activo. Está a ver V^a Ex^a como se começam a imprimir modelos de vida, virados para a actividade ou para o sedentarismo. Isto numa fase do desenvolvimento de significativa dependência. (...)”

E eu penso, tenho que libertar o meu filho desta imposição, deste padrão de vida implantado, desta formatação de sujeito. Exm^o Sr Ministro veja bem a aberração que não é, darmos a liberdade de movimento que a idade infantil sugere e impõe, potencia-

lizar esta motivação que a criança tem para brincar, interagir, explorar e descobrir. Veja bem a aberração que é estruturar situações práticas, com segurança, no contexto da aula, situações estas de grande envolvimento, onde o corpo, na sua unidade, é o objecto de aprendizagem. Promover actividade física com significado. Desafiando a criança a novas aquisições. De superação individual. Com esforço. Atenção, digo com esforço físico e intelectual. Em grupo, onde a criança se expõe e interage, adquirindo novas amizades e, simultaneamente, evoluindo da dependência para a independência. Aprende a confrontar os amigos na posição de adversários e a aceitar isso como natural. (...)”

Já viu V^a Ex^a o que é sujeitar um filho a situações de confronto controlado, de interacção, de cooperação, promovendo o espírito de grupo e equipa? Está mal!? E depois obrigar os miúdos a respeitarem-se, a respeitarem os outros quer como colegas de equipa,

quer como adversários, a respeitar o Professor (a instituição), a respeitar as regras e normas? (...) Ensiná-los a lutar pelos seus objectivos, de acordo com os objectivos propostos para aquisição de novas competências, cada vez mais exigentes e complexas? Ensiná-los a exporem-se na tentativa de execuções nas situações de aprendizagem, a reforçarem a sua inclusão, a admitirem o erro como um desafio para novas superações, a envolverem-se na estratégia de grupo, a desenvolverem o sentido crítico perante as estratégias utilizadas?

Mas, depois, temos o problema deles suarem. Pois é, já me esquecia desse pormenor. Tudo isto está mal!? Eles escolhem, gritam, riem-se, choram, abraçam-se e, veja V^a Ex^a, que até se emocionam! Emoção. (...) Um golo, um cesto, merece individual e colectivamente a emoção do grupo. E, para chegar lá, o cérebro tem que pensar, rápido, em pressão, como deve executar ou

como deve movimentar-se no espaço perante os outros, equipa e adversários, de acordo com a actividade padronizada proposta, para ser eficaz. E isto vale a emoção dum abraço, que alimenta a unidade do grupo, quer no contexto de aula, quer fora do contexto de aula. Promove ainda um clima escolar facilitador das aprendizagens e, consequentemente, evita o abandono escolar. Já viu V^a Ex^a, o micro social, grupos, equipas, regras, normas, árbitros, disciplina, luta, empenho, esforço, estratégia, compromisso que um simples jogo representa em termos de amostra para o macro social? Com a vantagem de não ser simulado, é mesmo vivido e integrado. Repare V^a Ex^a, a aula acabou, eles dizem “_Já!? Oh professor, deixe-nos ficar mais um pouco.”

PROFESSOR ROMÃO ANTUNES” (3/7/2012)

* Departamento de Educação Física e Desporto Escolar

NOTA DO EDITOR

Este é a última colaboração de Nuno Antunes na nossa revista na qualidade de docente de Educação Física da EPM-CELP. Apesar do carácter mais pessoal, o conteúdo do texto permanece fiel à natureza da rubrica que versa, genericamente, a temática da cultura física das crianças e jovens. Agradecemos a Nuno Antunes a colaboração prestada e desejamos sucessos pessoais e profissionais nas etapas seguintes da sua vida.



Foto: Scott Ableman via VisualHunt.com

1.ª Gala do Desporto Escolar



Admiração e surpresas



A 1.ª Gala do Desporto Escolar da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), realizada a 8 de junho, premiou o esforço dos estudantes e professores na temporada de 2016/2017, apresentou os novos equipamentos desportivos para o próximo ano, exibiu um número coletivo de ginástica e homenageou um ex-funcionário da nossa Escola.

Entre as diversas surpresas do espetáculo, apresentado pela jornalista da RTP Ângela Chin e pela aluna Viviana Machado, destaque para a participação de Clarisse Machanguana, a antiga “estrela” moçambicana da mais poderosa liga profissional de basquetebol do mundo (WNBA), que entregou o prémio com o seu nome aos alunos Rodrigo Martins e Olívia Rocha, que souberam aliar com sucesso os resultados desportivos e os académicos.

O “Prémio Clarisse Machanguana”, constituído por uma camisola da seleção nacional de Portugal, um diploma e uma medalha, foi a surpresa no quadro das distinções individuais, passando doravante a premiar o sucesso unido das prestações

desportiva e académica. Clarisse Machanguana, dirigindo-se à vasta plateia, não deixou passar em branco os valores que se aprendem no desporto e são aplicados no dia-a-dia, como “o respeito pelo adversário, a disciplina, a competição, ter sonhos e seguirmos com uma grande força e dedicação”, lembrando que ela própria é “produto do desporto, formada lá fora, e o desporto continua a ser parte da minha vida”. Ende-reçou, ainda, uma mensagem aos pais e encarregados de educação, garantindo que “aquilo que os vossos filhos aprendem no campo desportivo vão levar para fora do campo do desporto”, afirmou a presidente da Fundação Clarisse Machanguana, que se dedica a causas sociais, como, por exemplo, o combate ao vírus do HIV no mundo infantil e juvenil.

No início da cerimónia, participada por muitos encarregados de educação, alunos, professores, funcionários e convidados, o subdiretor da EPM-CELP para a área pedagógica, Francisco Carvalho, destacou a importância do desporto na vida das pessoas, lembrando que “Nos dias de hoje faz cada vez mais sentido adotar hábitos saudáveis de vida, colocando o desporto como meio de promoção da educação, formação e da saúde”. Deixou, depois, palavras de apreço a todos os alunos, funcionários, professores de Educação Física e coordenador do Clube de Desporto Escolar, Nuno Antunes, “pelo empenho que coloca todos os dias no seu trabalho”, afirmou.

Cerca de 350 alunos envolvidos no desporto escolar

No ano letivo de 2016/2017 estiveram envolvidos cerca de 350 alunos nas atividades do desporto escolar, o que levou João Lourenço,

coordenador do Departamento de Educação Física e Desporto Escolar da EPM-CELP a declarar-se publicamente “muito feliz pelo impacto que a prática desportiva tem nos nossos jovens”. Na sequência, fez questão de chamar ao palco todos os colegas envolvidos no projeto do desporto escolar para o reconhecimento público do trabalho desenvolvido por todos, recordando que “na componente competitiva e ao longo do ano escolar, estes professores dedicaram em média 10 sábados ao desporto escolar”. Aproveitou a ocasião para vincar a aposta da EPM-CELP numa formação desportiva na qual “mais importante do que criar campeões precoces, é olhar para os atletas a médio e longo prazo, percebendo que os grandes campeões se fazem a longo prazo”, sublinhou João Lourenço.

Seguiu-se a homenagem ao ex-funcionário Feliciano Elias, que durante 25 anos “sempre vestiu a camisola da EPM”, como destacou João Lourenço, no desenvolvimento do seu trabalho profissional de apoio logístico às instalações desportivas da EPM-CELP. Em tom de agradecimento, Feliciano Elias, envergando a camisola do “seu” Sporting Clube de Portugal, declarou que espera que “não seja só eu a pisar o palco, mas também todos os funcionários do Departamento de Educação Física” pois, explicou, “não basta trabalhar no pavilhão, é preciso ter amor ao desporto”.

A encerrar o evento seguiram-se uma demonstração de ginástica pela classe de ginástica da EPM-CELP e a subida ao palco de todos os alunos distinguidos, ao longo da temporada desportiva, com o prémio “Atleta do Mês” nas modalidades de basquetebol, natação, futsal e voleibol.

O evento foi concebido e promovido pela Associação de Notícias do Desporto Escolar (ANDE) da nossa escola e reuniu toda a comunidade educativa da EPM-CELP em torno do reconhecimento público do mérito desportivo e escolar dos alunos que mais se distinguiram no ano letivo de 2016/2017.





O segredo de unir as notas soltas

Alunos do «8.º F» e do «7.º E» do ensino básico musicaram finais de tarde da nossa Escola com os recitais «O segredo da união» e «Notas soltas», respetivamente, os quais mostraram o trabalho desenvolvido na disciplina de Educação Musical, de opção semestral, do corrente ano letivo.

O Auditório Carlos Paredes foi, no passado dia 13 de junho, o palco da apresentação final «O segredo da união», cujas componentes musical e dramática estiveram a cargo dos alunos da turma F do oitavo ano. O enredo foi elaborado por Beatriz Paiva e Laura Pessoa e a encenação pertenceu às professoras Leandra Reis, Marta Ribeiro e Estela Pinheiro.

«O segredo da união» é uma história desenvolvida num cenário de um colégio privado, com um diretor autoritário que proibia a música. Diversos tipos de personagens, interpretadas por alunos, evidenciaram vários tipos de ser e de estar, mas com um ponto em comum, o gosto pela música. Na ação dramática, as personagens convenceram o diretor do colégio do valor e necessidade da aprendizagem da música, culminando num recital de talentos.

A 15 de junho foi a vez de os alunos da turma E do sétimo ano apresentarem o recital «Notas Soltas», inspirado no lema “A música não é fogo de artifício, é sentimento” anunciado pelo vencedor do re-

cente festival Eurovisão da canção, Salvador Sobral. A peça consistiu na apresentação e interpretação musicais de diversas músicas, algumas acompanhadas por coreografias elaboradas pelos alunos. «Music: ON, World: OFF» foi o nome do programa musical diversificado escolhido pelos alunos.

Para a professora de Educação Musical, Leandra Reis, o balanço de ambas as iniciativas foi positivo: “correu tudo muito bem e é emocionante chegar ao final de um ano letivo e de um ciclo de estudos e contemplar o talento e o empenho de todos os alunos, numa disciplina opcional que é, nas palavras deles, a sua paixão”.

“Talentos” à guitarra e ao piano

A segunda audição de guitarra clássica e a 12.ª de piano, realizadas a 25 e 26 de maio, respetivamente, ofereceram momentos de partilha de talentos entre os alunos das classes instrumentais e a comunidade educativa da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP).

Mostrar o trabalho realizado ao longo do corrente ano letivo nas atividades extracurriculares foi o principal objetivo dos eventos. Na audição de guitarra, promovida no Auditório Carlos Paredes, participaram 22 alunos da EPM-CELP e da Escola de Música Mungo da Igreja Metodista Unida da Malhangalene, onde também leciona Queirós Júlia, nosso professor de guitarra clássica.

A audição de piano, realizada com caráter de “café-concerto” no átrio central da EPM-CELP, contou com a atuação de 30 alunos e as participações dos estudantes da classe de clarinete e as vozes das alunas Sofia Gonçalves e Mafalda, sob o olhar atento dos professores Assumane Saíde e Ricardo Conceição, do grupo disciplinar de Educação Musical.

Leandra Reis, representante do grupo disciplinar de Educação Musical da EPM-CELP, fez um balanço positivo de ambas as audições, destacando o envolvimento habitual da nossa Escola com entidades externas, como a Escola de Música Mungo, “o que se traduz na partilha de experiências entre os alunos da EPM-CELP e os de fora”, afirmou.



Era uma vez um menino mau...



EDIÇÃO E TEXTO
Alexandra Melo *

“Ele é a história de um menino mau aluno, inteligente, desordeiro, um transgressor de regras e desestabilizador; ele é a história de um menino que não envaidece o professor e de um colega corajoso a quem deixam sozinho nas situações difíceis.”

O psicólogo na Escola tem um lugar de complementaridade junto de educadores, professores e famílias, num papel de suporte aos alunos, integrando uma verdadeira equipa multidisciplinar. Na sua relação com o ambiente de aprendizagem, do qual fazem parte todos estes atores, o psicólogo contribui com o seu conhecimento do desenvolvimento humano, sabendo o que se pode esperar de uma criança, o que se pode dela exigir e de como melhor intervir, essencialmente quando constatados défices com implicações nas aprendizagens.

Normalmente a preocupação dos adultos, pais e professores centra-se no fator mais objetivo da aprendizagem: sucesso ou insucesso marcado por números que o classificam de positivo ou negativo. O aluno que se mostra indiferente às aulas, o aluno que não cumpre o “TPC”, o aluno que não cumpre datas de entrega de trabalhos, o aluno que não tem o caderno em ordem, o aluno que não estuda para os testes, no geral, é o único responsável como se de um ato voluntário se tratasse. Os pais pretendem, através dos filhos, ver realizados os seus sonhos não satisfeitos; os professores querem nos seus alunos o espelho da sua qualidade de mestres; as escolas

aqui uma pequena história, uma história vivida e sentida por um aluno de 13 anos; uma história que carregava com ele enquanto dele se exigia o cumprimento adequado da sua missão de estudante. O António (nome fictício) conta-nos a sua história através de um dia-a-dia difícil de viver, em casa e na escola; um dia-a-dia de agressividade, violência e desprezo, mas também de algum esforço que vem aprendendo a fazer para melhorar o seu comportamento. Ele é a história de um menino mau aluno, inteligente, desordeiro, um transgressor de regras e desestabilizador; ele é a história de um menino que não envaidece o professor e de um colega corajoso a quem deixam sozinho nas situações difíceis. Ele conta a história de um menino que pede que o orientem, que lhe deem regras, que o ajudem a equilibrar-se nesse mundo desmantelado onde têm permitido que ele se construa. Ele não teme a autoridade pois vê nela quem lhe dedica atenção e lhe dá um colo ao mesmo tempo que o repreende duramente.

Ele é um menino de quem todos já se habituaram a não gostar... ele é diferente... ele é indiferente aos sentimentos do irmão mais novo, mas não é indiferente às vantagens que a estes são oferecidas. Ele desaprova as qualidades reconhecidas aos irmãos mais velhos. Ele contesta a ausência de um pai, reclama contra o seu modo ébrio de o ser. Reivindica a disponibilidade de uma mãe que não tem tempo para lhe dedicar o seu tempo e o seu carinho. Ele anseia pelo convite para mostrar as lições do dia. Ele apela para o reconhecimento das suas qualidades, para uma mãe que lhe diga que ele não é tão mau, nem tão irritante, nem tão desobediente ou problemático como o mundo o percebe. Ele apela para uma mãe que lhe diga que até gosta dele. Ele precisa que lhe digam que não, que ele não é o patinho Feio da história que ele ouve desde criança. Precisa que lhe mostrem que podem confiar nele. Afinal, de que vale mudar, de que vale aprender os ensinamentos de quem o ajuda, se os outros sempre pensam que ele é o protagonista de todas as histórias más. Ele não faz nada que agrade aos outros, apenas sabe contar a sua história: “era uma vez um menino mau...” e as histórias dos meninos maus são histórias feias, são histórias que metem medo, são histórias que não podem ser contadas à noite porque assustam, são histórias que ensinam a não gostar dos meninos maus... os meninos maus devem aprender a ser bons e, então, podem entrar nas histórias dos meninos bons.

* Psicóloga do SPO da EPM-CELP



Foto: Greg Westfall via VisualHunt

pretendem que os seus alunos representem dignamente uma filosofia de excelência... Mas infelizmente, por detrás de uma história de insucesso escolar há, frequentemente, uma pessoa que sofre. As causas não são evidentes, assim como não o é o sofrimento que, não raro, muitos destes alunos transportam. Com o seu saber, o psicólogo na escola mostra o outro lado do aluno, fundamental para que a aprendizagem se desenvolva com sucesso. Deixo

EPM-CELP levou “Horário adaptado” às Jornadas da Língua Portuguesa



A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) participou na nona edição das Jornadas da Língua Portuguesa, realizada nos passados dias 4 e 5 de maio na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo. Representaram a nossa Escola Catarina Domingues e André Figueiredo, respetivamente terapeuta da fala e professor do Departamento de Expressões, que elaboraram e apresentaram o projeto “O que vou ter hoje? - Horário adaptado como forma de Literacia e Inclusão!”.

O projeto iniciou-se no ano letivo de 2015/2016, tendo como ponto de partida um horário escolar comum, com informação escrita que não é dominada por alguns alunos, complementando-se com outras formas de comunicação, entre as quais símbolos, fotografias, marcadores diários, sombras e desenho livre. Pretende-se, desta forma, que o aluno consiga interpretar e utilizar a informação contida no horário sem depender de um adulto, fomentando a sua autonomia. O projeto contribui, assim, para uma melhor inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais (NEE's) na EPM-CELP. A apresentação de Catarina Domingues e André Figueiredo reforçou a ideia de que o horário adaptado pode ser aplicado não só aos alunos com NEEs, mas também aos que se encontram em idade pré-escolar, bem como a adultos e idosos com dificuldades na comunicação.

Para Catarina Domingues foi positiva a participação da EPM-CELP no evento, destacando o caráter inovador e utilitário do tema, que, acrescentou, “despertou o interesse da audiência fora da Escola Portuguesa, com quem foi possível partilhar experiências relativamente às práticas da terapia da fala com os alunos com NEE's da EPM-CELP”. A concluir, afirmou que a iniciativa “valorizou o que é feito dentro da Escola Portuguesa, proporcionando maior aproximação à comunidade envolvente”.

“Incluí(-)te?!”



Foto: Luigi1066 via Visual Hunt



Catarina Domingues*

Intensamente descrita na lei, mas
Nem por isso mais
Compreendida pelo
Leigo!
Urge, então,
Intensificar no
-
Terreno e
Envolver-te a ti, a mim e a todos!

Inclusão: três sílabas apenas que, embora sejam a conta que Deus fez, praticadas pelo Homem ainda não são! Muito se debate; pouco se concretiza! Demasiado se escreve; raras são as ações desenvolvidas! Temo que seja um termo demasiado assustador para que alguém se mexa. Ou, então, imbuída nas cabeças alheias, permaneça a (errónea) ideia de que são precisas ordens superiores para que algo aconteça.

Creio, cada vez mais, que a mudança pode ou deve acontecer em cada um de nós. Sem muito me afastar dos “clichés” habituais, um pequeno gesto pode inaugurar uma brutal diferença. Sendo Terapeuta da Fala, que intervém com alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE's), este assunto é a minha manchete diária, a qual carrega as expectativas dos pais e dos professores, os rótulos da sociedade, o olhar (des)preocupado de quem nos governa. Não obstante, o que distancia esta realidade das que são publicadas nas revistas cor-de-rosa é, a maioria das vezes, tão longa quanto a que separa Maputo de Pombal. A dificuldade em entender se o desenvolvimento do filho se coaduna com o da prima ou vizinha; a hesitação em esclarecer-se com um profissional; o receio de um diagnóstico receber, após a árdua tarefa de um complexo emara-

nhado de termos técnicos descodificar; o aceitar que profissionais direcionados para a intervenção com essas alterações irão começar a fazer parte do quotidiano; o envolver-se e ser envolvido num percurso repleto de desafios, desabafos e desaforos, não importa com quem, quando e onde. São estas as dificuldades que encontro diariamente.

A moeda do “incluir e deixar-se incluir” transporta duas faces que não se esgotam quando é atirada ao ar! Muito mais do que a ínfima quantidade de notas e moedas que integra o monopólio ou o elevado tempo que pode demorar ser jogado, a inclusão apela ao investimento de todos a longo prazo, em que (in)significantes passos do presente concedem verdadeiro sentido a este conceito: dádiva, bênção. Ainda assim, é bom não se perder o bom senso: a expressão NEE's nem sempre é sinónimo de deficiência, incapacidade ou atraso. Simplesmente estes alunos requerem um cuidado diferente ao nível da educação. Uma simplicidade que vezes demais é distorcida nos papéis escritos.

Basta encarar cada pessoa como ser humano, num contínuo exercício de observação, disponibilidade e vontade de que as coisas aconteçam. Não se trata de cinismo ou falsa modéstia, mas antes do regresso àquilo que é essencial e básico para todos nós, num ato de olhar, entender e tratar o outro tal como a nós mesmos. Na minha perspectiva, a inclusão é uma utopia, que tem de ser assumida como a designação da meta intangível que nos move diariamente. Poderá, contudo, servir-nos de consolo que, dentro da nossa monótona e enfadonha rotina, surjam momentos “mágicos” em que despertamos e somos despertados para o que andamos aqui a fazer: Incluí(-)te a ti e aos outros!

* Terapeuta da Fala
Mestre em Educação para a Saúde

MABUKO YA HINA OS NOSSOS LIVROS

«... mais bibliotecas, mais maletas, mais leitura,
mais leitores e mais escritores em Moçambique.»

«... é um projecto
muito importante
e desperta o interesse
das crianças.»

Francisco António
www.mabuko.org.mz

Visão

O projeto "Mabuko Ya Hina" visa a criação de bibliotecas escolares e a atribuição de maletas de leitura a escolas públicas e comunitárias do sistema de ensino de Moçambique.

Trata-se de uma iniciativa da Rede de Bibliotecas Escolares, apoiada pela Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa, que integra, presentemente, 21 escolas do distrito de Maputo, uma escola do distrito de Inharrim e 10 escolas do distrito do Chibuto.

"Mabuko Ya Hina" é um projeto de incentivo à leitura que pretende despertar nas crianças o gosto pelo livro, proporcionando a formação de verdadeiros leitores.

Áreas de Intervenção



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de distribuição de livros.



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".



Atividade de leitura em sala de aula. Escola "Mabuko Ya Hina".

Atividades retratadas na Exposição do Dia da Língua Portuguesa

- «Mabuko» nas atividades da Semana da Leitura
- «Mabuko» nas comemorações do 10.º aniversário da Independência de Moçambique
- «Mabuko» nas comemorações do Dia Internacional da Criança
- «Mabuko» na Feira do Livro da Cidade de Maputo
- Comemoração do Dia de África
- Comemoração do Mês da Leitura
- Realização do Festival anual "Escreve Com Livros"
- Workshop de Escrita Criativa





LIGUE **21 245 900**

WWW.**COTUR.CO.MZ**

 **FACEBOOK.COM/COTURTRAVEL**

Cotur Corporate

Nova Imagem. Nova Morada.

Visite-nos. Venha conhecer o mundo dos seus sonhos.



COTUR

SEDE Av Kenneth Kaunda 352 - Maputo **TEL** 21245900
CEL 823008950 **FAX** 21245901 **EMAIL** cotur@cotur.co.mz

